

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*
MESTRADO EM HISTÓRIA

ALESSANDRA BEZERRA DA SILVA

**CAMINHANDO PARA DEUS: A ROMARIA DO DIVINO PAI ETERNO
DE QUIRINÓPOLIS A TRINDADE- GOIÁS**

GOIÂNIA-GO
2017

ALESSANDRA BEZERRA DA SILVA

**CAMINHANDO PARA DEUS: A ROMARIA DO DIVINO PAI ETERNO
DE QUIRINÓPOLIS A TRINDADE- GOIÁS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em História, da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-Goiás), como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Gusmão de Quadros

GOIÂNIA-GO
2017

S586c

Silva, Alessandra Bezerra da

O caminho para Deus[manuscrito]: a romaria do Divino Pai Eterno de Quirinópolis a Trindade-Goiás/ Alessandra Bezerra da Silva.-- 2017.

88 f.; il. 30 cm

Texto em português com resumo em inglês

Dissertação (mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciências da Religião, Goiânia, 2017

Inclui referências f. 86-88

1. Religião popular - Goiás (Estado). 2. Tradição oral - Goiás (Estado). 3. Peregrinos e peregrinações cristãs. 4. Procissões religiosas - Goiás (Estado).

I.Quadros, Eduardo Gusmão de. II.Pontifícia Universidade Católica de Goiás. III. Título.

CDU: 27-57(043)


**CAMINHANDO PARA DEUS: A ROMARIA DO DIVINO PAI ETERNO DE
QUIRINÓPOLIS A TRINDADE-GOIÁS**

Dissertação aprovada em 26 de outubro de 2017, no curso de Mestrado em História da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, como requisito para a obtenção do grau de Mestre em História.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Eduardo Gusmão de Quadros
PUC Goiás / Presidente



Prof. Dr. Eduardo José Reinato
PUC Goiás / Examinador Interno



Prof. Dr. Claude Valentin René Detienne
UEG / Examinador Externo

Profa. Dra. Carolina Teles Lemos
PUC Goiás / Suplente

Profa. Dra. Maria da Conceição Silva
UEG / Suplente

AGRADECIMENTOS

Após os períodos de agitações para concluir a minha narrativa da dissertação, eis que surge o momento de agradecer. Em primeiro lugar agradeço a Deus, sobretudo, por colocar pessoas no meu caminho que me fizeram crescer. À minha mãe (*in memoriam*) por me conceder a vida e por não ter medido esforços, mesmo diante das piores dificuldades e circunstâncias que a vida lhe impôs. Ainda agradeço a minha mãe por proporcionar a mim uma educação repleta de virtudes e especialmente voltada para os melhores sentimentos como amor, humildade, bem como por ensinar-me que dessa vida *nada se leva*, além, é claro, do bem que praticamos e do legado que deixaremos. Sou e serei eternamente agradecida por tê-la como mãe, um exemplo de mulher guerreira. Saiba mãe, que sempre irei espelhar-me na senhora!

Aos meus familiares, pai, irmãos, tios e avó, que estão sempre presentes na minha caminhada, apoiando-me sempre.

À Maria Fernanda e ao Miguel meus filhos que suportam minha ausência. Vocês enchem meu coração de orgulho! Espero, um dia, poder suprir essa ausência.

Agradeço ao meu orientador Eduardo Gusmão de Quadros, pelo amor, carinho, companheirismo e respeito, além de conduzir-me nos momentos de dificuldades e dando-me suporte e um norte na escrita da história e indicando-me o caminho. Não posso esquecer de agradecer a contribuição dos membros da banca de qualificação, em especial aos professores Renata Cristina Sousa Nascimento e o professor Eduardo José Renato que contribuíram para o enriquecimento intelectual do meu trabalho. O desenvolvimento e amadurecimento não poderiam acontecer senão com as ressalvas e alinhamentos dessa produção intelectual.

Ao programa de pós-graduação em História da Pontifícia Universidade Católica de Goiás PUC-GO. Meus agradecimentos pessoais a FAPEG - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás, por ter subsidiado a minha pesquisa acadêmica. Espero retribuir a confiança.

Em especial Wanderleia Silva Nogueira, pois tem meus sinceros agradecimentos, que além de me proporcionar uma amizade verdadeira e leal, foi uma professora que me provocou estímulos, incentivou e ensinou-me a refletir além das suas obrigações. Wanderleia, a agradeço ainda mais, por mostrar-me caminhos, dando a mim suportes nas fontes e principalmente por indicar as pessoas que puderam conduzir-me a este mestrado.

Em decorrência do mestrado tive o privilégio de conhecer pessoas que se tornaram amigas. Especialmente a Dona Maria Zinhanne e Vânia Maria, que me abrigaram em seus lares, fazendo que me sentisse membros de sua família. Alguns momentos foram angustiantes por estar longe da minha família e da minha cidade natal. Aos meus companheiros de sala de aula e dos professores do mestrado, que ao longo das aulas tínhamos uma afinidade inexplicável. Amizades que sempre irei prezar!

Respeitavelmente as minhas considerações aos devotos do Pai Eterno, e aos quirinópolis, que além de uma devoção que move as massas, abriram-me os olhos e iluminaram meu objeto de investigação, além é claro, do privilégio de registrar a cultura, a religiosidade e as tradições da minha estimada cidade.

Romaria

Os romeiros sobem a ladeira

*cheia de espinhos, cheia de pedras,
sobem a ladeira que leva a Deus
e vão deixando culpas no caminho.*

*Os sinos tocam, chamam os romeiros:
Vinde lavar os vossos pecados.
Já estamos puros, sino, obrigados,
mas trazemos flores, prendas e rezas.*

*No alto do morro chega a procissão.
Um leproso de opa empunha o estandarte.
As coxas das romeiras brincam no vento.
Os homens cantam, cantam sem parar.*

*Jesus no lenho expira magoado.
Faz tanto calor, há tanta algazarra.
Nos olhos do santo há sangue que escorre.
Ninguém não percebe, o dia é de festa*

*No adro da igreja há pinga, café,
imagens, fenômenos, baralhos, cigarros
e um sol imenso que lambuza de ouro
o pó das feridas e o pó das muletas.*

[...]

Carlos Drummond de Andrade

RESUMO

O presente trabalho visa estudar as práticas do catolicismo popular manifestadas na romaria que parte de Quirinópolis em direção ao Santuário do Pai Eterno em Trindade – Goiás. Ali se vê uma mescla de cultura, religião e tradições renovadas a cada ano. A pesquisa participante foi amparada por referências bibliográficas para oferecer o suporte teórico-metodológico e enfatiza-se a relevância deste trabalho histórico e etnográfico. Buscamos compreender a prática da romaria como um período sagrado que transcende o tempo e espaço durante o caminhar. As fontes são elementos sustentados pela oralidade, para compreender as características da romaria, aliadas às imagens fotográficas dos ritos. Estes elementos permanecem inseridas em uma tradição e a demonstram. O primeiro capítulo foi construído a partir de conceitos que evidenciam as motivações que levam os romeiros até Trindade como um lugar sagrado. No segundo capítulo, a história do centro religioso de destino, que a partir de um medalhão atrai devotos de todo Brasil e conquistou a devoção do povo cristão. Por fim, no terceiro capítulo, apresenta-se a pesquisa etnográfica com os romeiros de Quirinópolis. Eles mostram sua devoção ao Pai Eterno em forma de agradecimentos as graças alcançadas, caminhando para cumprir suas promessas.

Palavras-chave: Romaria; Tradição; Religião Popular; Goiás.

ABSTRACT

The present work aims to study the practices of popular Catholicism manifested in the pilgrimage that departs from Quirinópolis towards the Shrine of the Eternal Father in Trindade - Goiás. There is a mixture of culture, religion and traditions renewed every year. The participant research was supported by bibliographical references to offer the theoretical-methodological support and emphasizes the relevance of this historical and ethnographic work. We seek to understand the practice of pilgrimage as a sacred period that transcends time and space during walking. The sources are elements supported by orality, to understand the characteristics of the pilgrimage, allied to the photographic images of photographic images of the rites. These elements remain embedded in a tradition and demonstrate it. The first chapter was constructed from concepts that evidence the motivations that lead pilgrims to Trinity as a sacred place. In the second chapter, the story of the religious center of destiny, which from a medallion attracts devotees from all over Brazil and conquered the devotion of the Christian people. Finally, in the third chapter, the ethnographic research with the pilgrims of Quirinópolis is presented. They show their devotion to the Eternal Father in the form of thanks to the graces they have gained, walking to fulfill their promises.

Keywords: Pilgrimage; Tradition; Popular religion; Goiás

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Medalhão de Barro da Santíssima Trindade.	39
Imagem 2 - Igreja Paroquial construída em 1901.....	48
Imagem 3 - Novo Santuário de Trindade.	50
Imagem 4 - Foto da Basílica de Trindade depois da reforma.....	51
Imagem 5 - Mapa do Sul de Goiás.	56
Imagem 6 - Mapa do trajeto dos romeiros de Quirinópolis-Go a Trindade-Go.....	56
Imagem 7 - Momento da oração da Santa Cruz de Jesus Cristo - saída dos romeiros de Quirinópolis.....	62
Imagem 8 - Momento de oração e saída dos romeiros de Quirinópolis.	62
Imagem 9 - Grupo de apoio destaque o Sr. João da Cruz.	67
Imagem 10 - Caminhada carregando a Cruz.	68
Imagem 11 - Cozinha dentro do caminhão de apoio e os cozinheiros.	70
Imagem 12 - Lanche organizado pela equipe da cozinha.....	71
Imagem 13 - Churrasco doação da empresa Bezerra e Passos.	72
Imagem 14 - Alongamento na estrada.	73
Imagem 15 - Momento de espera dos romeiros que ficaram para traz.....	75
Imagem 16 - Última oração em equipe entrada de Trindade-GO.	77
Imagem 17 - Entrada na cidade de Trindade.....	78
Imagem 18 - Entrada da capela do Divino Pai Eterno.	80
Imagem 19 - Fita dos pedidos e dos recebimentos de Milagres do Divino Pai Eterno.	80
Imagem 20 - Os romeiros da comitiva do Melado em 2014.	82

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1- CRER É CAMINHAR COM DEUS: COMPREENDENDO A ROMARIA	17
1.1. Aspectos da cultura popular	17
1.2. Religião Popular	21
1.3. As Romarias	25
1.4. A Motivação: buscando a grandeza do amor do Pai	31
1.5. Milagre, oração e agradecimento.....	31
1.6. Os Ritos	33
1.7. Conclusão	35
2- ROMARIA DE TRINDADE: “O SANTUÁRIO ONDE SE ESTÁ MAIS PERTO DE DEUS”	37
2.1. Devoção ao Pai Eterno	37
2.2. O Processo de romanização em Goiás.....	40
2.3. Os novos santuários	48
2.4. Dos milagres aos vitrais do Santuário-Basilica	52
3- O CAMINHO PARA CHEGAR MAIS PERTO DE DEUS	55
3.1. O lugar da origem	56
3.2. Saída Dos Romeiros do Divino Pai Eteno.....	60
3.3. A execução da caminhada: limiar entre o sagrado e o profano.	67
3.4. A Chegada	75
3.5. O beijamento da fita	78
3.6. Os fins da romaria	81
CONCLUSÃO.....	84
FONTES ORAIS	85
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	86

INTRODUÇÃO

“existe um lugar sem dor sem pedras sem espinhos”¹

Esse lugar fantástico existe? Está próximo a nós? Seria no campo ou na cidade? A resposta a esta procura é simples, pois esse lugar existe na visão imaginária dos fiéis. Conforme tal crença, ela é construída no caminhar para uma grande cidade, que já foi pequena vila rural. Deus deve ter reservado para si algumas obras que surpreendem e levam as pessoas a reconhecer Sua onipotência. O Santuário do Pai Eterno é uma destas manifestações, onde o comportamento das pessoas que o frequentam indica que estamos em um ambiente sagrado, em um cosmo onde o fundamento da vida se encontra.

Buscamos, inicialmente, compreender o leque de possibilidades do presente tema. O nosso foco recaiu, bem típico da religiosidade popular, sobre a romaria de Trindade, este centro religioso goiano. Na outra extremidade está o município de Quirinópolis, que não é um centro religioso, mas a cada ano reúne várias pessoas para se deslocarem àquela grande manifestação religiosa que é a festa do Divino Pai Eterno, no início do mês de julho. O deslocamento periódico de pessoas constitui o rito da romaria. A Roma de verdade está distante, mas ela permanece assim denominada na contemporaneidade, mostrando diversas facetas de uma outra “cidade eterna”.

A romaria é a saída de um lugar de residência em direção a outro lugar tido por ser santificado. O que distingue o caminho que o romeiro percorre é a idealização da chegada, no caso, à casa do Pai Eterno. Ela tem um caráter predominantemente “popular”, pois é feita pelos romeiros, não pelos sacerdotes. Fazendo uma comparação com a abordagem de outras romarias e peregrinações, concluímos que os romeiros caminheiros fazem a viagem por decisão própria. No caso, não há interferência da instituição eclesial.

Os romeiros empenham-se na construção do mundo e tentam de diversas maneiras resgatar a si próprios, dar sentido às suas existências. Constitui elemento importante da esfera religiosa, para eles e elas, o dispor-se de si para colocar-se à disposição de outros. No fundo, colocam o caminho diante de uma realidade dupla, marcada pela dor e pela alegria, o que faz entender o verdadeiro significado de lugar sagrado. A romaria permanece um componente importante da vida religiosa de muitos cristãos. Tem em comum a viagem em grupos, a rota tradicional, a veneração diária, o culto da relíquia, ex-voto deixado pelo milagre recebido; enfim, a memória traz motivações e indica que se deve partir.

¹ *Cavaleiro do São Joaquim*. Música de Elomar Figueira Mello, cantor e compositor brasileiro.

A festa do Divino Pai Eterno reúne anualmente milhares de fiéis que vão em busca de uma experiência de fé. Aproveitam para ‘pagar’ suas promessas e agradecer as bênçãos recebidas naquele período. Atualmente, na cidade de Quirinópolis, no interior de Goiás, existem diversas famílias romeiras que todos os anos se reúnem e vão a pé para Trindade no período da festa. Caminham quase trezentos quilômetros desde o final de junho para chegarem no início de julho, no período da grande festa.

O objetivo de nosso estudo é analisar as romarias que saem de Quirinópolis, uma cidade localizada no sul do estado. Inicialmente, ela fora denominada de *Nossa Senhora D’Abadia*, “Capelinha”, nome que passou pelo aceite do Bispo de Goiás Dom Eduardo Duarte e Silva. Após muita luta pelos líderes da cidade, sua efetiva emancipação política em 1943. Atualmente, seus dados estatísticos indicam um aumento gradativo no número de habitantes chegando a uma estimativa de 47.950 (quarenta e sete mil e novecentos e cinquenta) habitantes. De acordo com o censo, o número de fiéis católicos chega um número de 31.347 (trinta e um mil e trezentos e quarenta e sete) mil pessoas. Número que veio aumentando de acordo com necessidades econômicas e religiosas da população quirinopolina.

Na década de 70 e 80, Trindade passava por transformações no avanço modernista, sofrendo impactos nas suas tradições, mas adaptou-se e atraiu mais fiéis para a devoção ao Pai Eterno. Na modernização religiosa, “a Romaria de Trindade permite ao indivíduo viver o seu catolicismo à sua maneira, sem, necessariamente, ter que seguir regras estabelecidas pela Igreja Católica” (FALEIRO, 2007, p. 98) Livremente, os devotos do Pai Eterno valorizam suas famílias e vão em romaria saindo de Quirinópolis com destino à Trindade.

Percebe-se um modo da religiosidade popular expressar-se que se relaciona com a identidade local. A cidade em que se localiza a imagem do Divino Pai Eterno, afinal, é conhecida também como a “Capital da Fé” em Goiás. Tudo começou de maneira simples, por volta de 1840, quando um medalhão de barro com a Imagem da Santíssima Trindade coroando a Virgem Maria foi encontrado na região por um casal de camponeses. Hoje, ali se localiza o grande santuário-basílica, no município que guarda uma lembrança religiosa no nome de Trindade.

Nesse sentido, pretendemos fazer uma abordagem histórico-antropológica dessas famílias de romeiros que percorrem anualmente o trejeto. Exploraremos as diversas formas de devoção, sua cultura, o conjunto de representações e a tradição que carregam. Suas histórias de vida serão igualmente destacadas. Embasados nos conceitos da linha de pesquisa do Mestrado em História da PUC Goiás Poder e Representações, enfocaremos questões que possibilitem compreender como os cristãos se colocam diante do sagrado e do profano em seu cotidiano.

Para obter uma compreensão mais abrangente e original do assunto delimitado, realizamos uma pesquisa participante, ou seja, observações locais e entrevistas que nos levaram a valorizar as histórias de vida e os depoimentos orais dos romeiros que viajam a pé de Quirinópolis até Trindade.

A fé no Divino Pai Eterno ultrapassa as fronteiras da cidade goiana e já atingiu os quatro cantos do Brasil. Atualmente, transmite uma mensagem de fé e amor ao Pai Eterno, devoção que não é tão comum no Brasil. Apesar do sacrifício, os romeiros crescem a cada ano. O intuito básico da pesquisa é realizar o estudo histórico da Romaria do Divino Pai Eterno e aprofundar o que significa ser romeiro para as famílias quirinopolinas que fazem esse trajeto anualmente.

O romeiro que vai a pé até Trindade tem esse percurso como algo sagrado. Para o antropólogo Carlos Rodrigues Brandão (1986), o religioso apresenta uma construção do mapa simbólico, como um traçado de limites: primeiro separa o território sagrado do território profano. Depois, quer adentrar no espaço sagrado. Esse mapa imaginário do campo religioso, guardado pela memória, é invocado sempre que for preciso.

Nesse contexto é fundamental que as histórias de vida das famílias tradicionais em Quirinópolis estabeleçam limites do sagrado e do profano durante a caminhada. O estudo etnográfico da Romaria auxilia na passagem de tradições de pai para filho, como por exemplo a família Medeiros, conhecida popularmente como “Melado”. O avô começou a Romaria por volta dos anos 80 e a tradição continua até hoje. Vemos a tradição, a cultura popular e os saberes religiosos se sustentarem como uma continuidade.

A pesquisa participante observa, qualifica espaços, identifica os comportamentos. Rubens Cezar Fernandes é um antropólogo que nos anos 80 faz uma bela pesquisa participante de uma romaria no livro intitulado “*Os cavaleiros de Bom Jesus: uma introdução as festas religiosas e a religiões populares*”. Ele relembra que o romeiro cumpre uma devoção fazendo a viagem. De romaria em romaria, traça uma constante dialética entre o sagrado e o profano.

Os estudos realizados são concernentes a discussão teórica da História Cultural e tem como objeto principal a religiosidade popular. Desta forma, observa-se as tradições que mantêm a romaria ainda nos dias atuais. Apesar do estudo remontar às origens da devoção ao Pai Eterno, privilegiamos os anos de 1980 a 2014. O marco inicial de 1980 é referente ao início da romaria partindo de Quirinópolis.

O espaço da pesquisa foi a romaria entre Quirinópolis e a cidade de Trindade onde atualmente encontra-se a Basílica do Divino Pai Eterno. A romaria é feita a pé pelos quase

trezentos quilômetros de caminhada. Ali estão momentos de fé e de devoção na descrição que analisamos. Identificar a permanência da tradição familiar, observada na interpretação histórica da romaria do Divino Pai Eterno, é relevante já que a organização da comitiva envolve mais de 3 gerações.

Especificamente, serão examinados os costumes, os ritos e os atos de devoção existentes no percurso, bem como os motivos que levam os romeiros a fazerem a romaria e permanecerem como devotos do Pai Eterno. Foram também observadas as rezas no caminho, que nem sempre são orações comuns das práticas de religião católica. Existe, portanto, uma mistura de religiosidade, a qual configura uma religiosidade popular apropriada pela religião católica na festa de Trindade, mas que nem sempre o romeiro segue. Ele normalmente termina seu ritual na entrada da igreja e na passagem pela fita sagrada dentro da igreja “velha”.

Ao analisar historicamente a existência da Romaria do Divino Pai Eterno de Quirinópolis à Trindade, tenta-se compreender a continuidade da execução de tão difícil romaria. No enfoque da história de vida dos romeiros, mostramos como eles interpretam seu mundo, atribuem significados, compartilham a emoção, tudo a partir da experiência religiosa que movimenta uma tradição das famílias quirinopolinas.

Assim, nossos objetivos são discutir o papel da religião para as famílias que participam da peregrinação de Quirinópolis a Trindade; conhecer e analisar o perfil identitário das famílias e dos cristãos de Quirinópolis; compreender os elementos tradicionais por meio da história oral e das fotografias obtidas; analisar historicamente o que motiva ou estimula as famílias a fazerem anualmente a romaria.

A problemática que suscitou a pesquisa foi a análise sobre os romeiros que saem de Quirinópolis caminhando por 7 dias e 7 noites afim de agradecer as graças recebidas ou pedir a intervenção divina. Quais são os elementos que permanecem como tradição popular ou religiosidade na Romaria do Divino Pai Eterno? Como a presença dos mais jovens tem a ver com o sentido de pertencimento a uma tradição local? Quais elementos marcam o caminhar para o lugar sagrado? O que Trindade, o destino dos romeiros, representa para aqueles que peregrinam?

Para Eliade (1992, p. 25), qualquer tempo, espaço e qualquer objeto pode tornar-se sagrado. Tal lugar adquire um valor especial e passa a ser diferente, embora não deixe de ser o que é. A maioria dos lugares considerados sagrados atrai as pessoas por diversos motivos. Na romaria, a pessoa tem a sensação de estar caminhando em direção ao centro do sagrado. Eliade (1992, p. 15) apresenta o sagrado não apenas em seus aspectos racional e não-racional, mas em sua totalidade. Seu enfoque se dá na relação entre sagrado e profano. Para ele, o

homem toma conhecimento do sagrado porque este se manifesta, se *hierofaniza* como diz, em algo diferente do profano. Toda *hierofania* é um paradoxo, manifestando o sagrado em um objeto qualquer, que se torna “outra coisa” e, contudo, continua sendo “ele mesmo”. Uma montanha sagrada continua sendo uma montanha, do ponto de vista natural/profano. Mas para quem tem uma experiência religiosa, ela revela o sagrado o “*totalmente outro*”. A experiência religiosa possibilita a revelação da natureza, significa o cosmo como uma grande *hierofania*. Defende Eliade (1992, p.17) que o sagrado e o profano são duas situações existenciais assumidas pelo ser humano ao longo de sua história.

Percebe-se que, qualquer cultura religiosa é constituída por questionamentos de como, por quem, a partir de quê, e para que as coisas acontecem. Percebe-se ainda mais que a cultura religiosa sempre ocorre em um contexto marcado por relações da existência com as representações. A busca pela gratificação está representada pelo ato de fé. A hipótese levantada é que anteriormente as famílias cumpriam seus votos individuais, mas que fatores de ordem social e cultural fez com que se unissem mais pessoas para realizarem a romaria.

As cidades de Quirinópolis e Trindade aparecem como espaços fundamentais deste estudo. Em relação à memória coletiva, esta constitui por assim dizer o *corpus* do nosso trabalho. A entendemos segundo os postulados de Halbwachs (1990), conexões das lembranças e das percepções socialmente partilhadas, as quais se dão a partir da aplicação prática feita pelos sujeitos. Os sujeitos da romaria, enquanto participantes do processo dinâmico social, percebem uma multiplicidade de acontecimentos que vão se processando dentro do quadro dinâmico da existência humana. A história é viva:

... a história não é todo passado. Ou, por assim dizer, ao lado de uma história escrita há uma história viva, que se perpetua ou se renova através do tempo, na qual se pode encontrar novamente um grande número dessas correntes antigas que desapareceram apenas em aparência (HALBWACHS, 1990, p. 86).

Trata-se, portanto, de uma questão subjetiva. Segundo Halbwachs, o “passado vivido” é impossível de ser concebido sem a evocação e a localização da lembrança, que por sua vez, deve ser tomada para o ponto de atuação dos quadros sociais, que servem de ponto de referência nessa reconstrução da identidade. Todo este processo é o que classificamos como memória coletiva, que sustenta a tradição religiosa.

É necessário se estender mais sobre a elaboração desses conceitos antes de apresentar resultados conclusivos. Nesta primeira abordagem, podemos perceber que as considerações sobre a cultura religiosa popular, a tradição religiosa, o espaço religioso e suas relações com as representações sociais são fundamentais para a investigação que estamos apresentando.

Explorar as fotografias do espaço religioso de Quirinópolis e Trindade vem a ser um novo modo de conhecer e divulgar a sua memória e sua história. Para tanto, foi levantado os acervos pessoais dos grupos, recolhendo imagens e fotografias junto com os depoimentos. Em um trabalho de história oral, as sugestões da equipe de colaboradores são de fundamental importância. Por isso, a entrevista inicial não deve ser determinada aleatoriamente. Em geral, dá-se preferência para pessoas que possuam um conhecimento abrangente sobre o tema, e que tenham condições de, juntamente com o pesquisador, indicar os futuros entrevistados. A disposição para narrar e refletir as experiências vividas assim como a capacidade de articulação devem ser suficientes para o propósito das entrevistas. Dando ênfase e qualidade a pesquisa, “à tradição oral... pode ser vista como um sistema coerente aberto para construir e transmitir conhecimento”. (AMADO, 2005, p 154.)

As entrevistas foram precedidas por um momento preparatório no qual os colaboradores terão esclarecimentos sobre os objetivos do projeto e a dimensão de sua participação. Nesse contato inicial foram explicitados os usos do gravador como material de registro, bem como as condições de utilização dos depoimentos fornecidos, depois trabalhados e transformados em documento escrito.

O roteiro geral das entrevistas foi elaborado conforme o projeto pesquisa. Sua função é promover uma síntese das questões levantadas em fontes primárias, o que constitui como instrumento para orientar as atividades subsequentes. Questões preestabelecidas permitem que a narrativa se atenha à temática central da pesquisa entrevistado. Sugere Verena Alberti perceber “como os entrevistados viam e veem o tema em questão? Ou o que a narrativa dos que viveram ou presenciaram o tema pode informar sobre o lugar que aquele tema ocupava (e ocupa) no contexto histórico e cultural dado?” (ALBERTI, 2005, P. 30).

Buscamos dissertações, artigos e livros que discutem a cultura de Quirinópolis, a fim de detectar como é mapeado o imaginário religioso da cidade. Serão relevantes a Dissertação de mestrado de Flavia Rosa de Moraes Silva – *Os causos em Quirinópolis e representações culturais (1940-1970)*; Wanderleia Silva Nogueira - *A festa de folia de reis em Quirinópolis: lugar de memória 1918-2010*; Wesley Lima Andrade - *catolicismo popular: práticas e apropriações em Quirinópolis de 1943 a 1997* e o livro da Maria da Felicidade Urzedo – *Quirinópolis Mão e Olhares Deferentes* 2010. Nosso intuito é demonstrar como foi a estratégia de permanência da tradição da romaria dentro dos quadros da religião popular, rural e urbana, com um olhar sobre os intercâmbios entre tradição e história.

Três tópicos marcam a romaria na história: a crença, o processo de romanização em Trindade - Goiás e as transformações ocorridas no processo de tradições e cultura religiosa de Quirinópolis.

No primeiro capítulo, ainda que seja um estudo sobre um santuário e a fé popular, mostramos a crença na romaria como um ato de esperança, no “crer” a partir de enigmas que move o ato religioso que vão além dos arcaísmos explicados pelo homem. Uma explicativa a respeito do sagrado vem de elementos que constituem um “espaço sagrado” pelo meio dos cosmos entrelaçados nos aspectos da cultura e da religiosidade popular. Os domínios de medição com o “sagrado” são através da sua história evidencia a devoção, o milagre a até mesmo os ritos.

No segundo capítulo trabalhamos com o foco primordial no tema de estudo do Santuário do Pai Eterno em Trindade - Goiás. Discorreremos brevemente sobre a *constituição da Devoção ao Pai Eterno, um lugar sagrado e santificado conseqüentemente “único” de devoção ao Deus-Pai*. Em seguida, abordarmos o artefato necessário para o entendimento do *processo de romanização em Goiás*, sob a influência do bispo Dom Eduardo Duarte e Silva, entre outros e a reforma do Concílio Vaticano II. Posteriormente, *a percepção da romaria e a igreja “velha” que guarda consigo sua história e as novidades provenientes da modernidade no Santuário-Basilica*.

No terceiro capítulo, a contribuição de Quirinópolis na análise da romaria é bastante relevante, pois demonstra como a importância da Devoção ao Pai Eterno vem, passa e ultrapassa barreiras para ir em direção à “Casa do Pai”. Desde a origem de Quirinópolis, ficou evidente que o controle do clero no processo político e religioso de Goiás. Nesse aspecto, a sua história de tradições e as memórias religiosas levam diversas famílias em busca do Pai Eterno, busca de um lugar e tempo sagrados.

1– CRER É CAMINHAR COM DEUS: COMPREENDENDO A ROMARIA

Ao realizar o estudo sobre fenômenos culturais e fenômenos religiosos, nos remetemos à ideia da riqueza de elementos e fontes nas diferentes vertentes tradicionais que sofreram variações e foram diversificando sua dinâmica, bem como a maneira de suas manifestações. As informações e elementos recolhidos nos fornecem subsídios necessários e decisivos para o entendimento de razões que corroborem para a permanência dos peregrinos na prática das romarias. Tal fator pode ser compreendido de diversas maneiras, entretanto arriscaremos esclarecer aqui, com apoio de alguns estudiosos do tema, que sem o olhar crítico jamais daríamos e poderíamos dar ênfase na elucidação dos fatores que marcam a identidade dos romeiros. Nesse sentido, valoriza-se os aspectos sociais, políticos e econômicos dos fenômenos culturais e religiosos em tela.

Aplicando a *história cultural*, compreende-se que suas características nos revelam uma consideração especial para as tradições populares, pois é perfeitamente nítida a preocupação com o papel das classes sociais subalternas, das estratificações e até mesmo dos conflitos que resultam em caminhos alternativos para a investigação histórica. Sobretudo na difícil tarefa de identificar o popular.

Diante do exposto, a compreensão da importância das relações que estabelecem o sujeito com a romaria, a (re) significação da festa do Pai Eterno, e até mesmo os significados da cultura e da religião “popular” na dinâmica moderna atual. Desta forma, pretendemos esclarecer os fatores que motivam e estimulam os romeiros a irem em romaria do município de Quirinópolis até Trindade há mais de duas décadas. Portanto, inicialmente vamos neste capítulo contextualizar alguns conceitos básicos para o entendimento do sujeito religioso, do fenômeno religioso e da prática das romarias enquanto mediadora entre o devoto e o poder sagrado.

1.1 Aspectos da cultura popular

Ao nomear alguns modelos, métodos e práticas conhecidas sob o rótulo de “Cultura Popular”, podemos partir das diferenças de outras classificadas como pertencentes à “cultura erudita”. Isso tem trazido inúmeras contradições com alteridade cultural, difícil de ser pensada numa visão do mundo contemporâneo. Assim, Roger Chartier nos mostra alguns modelos que permanecem e delimitam os propósitos dessa descrição e de interpretação dos fenômenos, apontando a dependência entre os níveis:

O primeiro no intuito de abolir toda forma de etnocentrismo cultural, concebe a cultura popular como sistema simbólico coerente e autônomo, que funciona segunda uma lógica absolutamente alheia e irreduzível a da cultura letrada. O segundo, preocupado em lembrar da existência das relações de denominação que organizam o mundo social, percebe a cultura popular em suas dependências e carências em relação a cultura dos dominantes. (CHARTIER, 1995, p. 179)

Esses dois tipos de distinções constituem um mundo nas relações entre dominantes e dominados. Eles também se auto organizam nas conexões e nas deficiências do mundo social, concluindo-se dependentes um do outro. A distância social atribui a legitimidade à cultura popular ou visa sua eliminação.

Além das duas concepções sobre os modelos estratégicos, portadores de estilos diferentes, propostas e descrições, elas cruzam a pesquisa teórica da história, com a antropologia e a sociologia. Chartier (1995, p.180) referencia uma citação de Jean-Claude Passeron na qual ele mostra os perigos metodológicos de aplicar às culturas populares algo como “a felicidade monódica da autossuficiência simbólica”. Foi o que fizeram os estudiosos românticos. Acompanhando a perspectiva de Jean-Claude Passeron, as definições e contradições da cultura popular não são criadoras de um princípio substancialmente correspondente.

Nesta abordagem, Chartier mostra um contratoste que percorre e enfatiza a cultura popular. Esta seria certa “dependência” da cultura dominante, indagando: seria imaginável uma sem a outra? Ou, *vice/versa*. Ao discernimento do pesquisador, é determinante que a autonomia relativa da cultura popular não torne invisível sua vinculação com a cultura dominante:

Não é possível aceitar sem nuances a periodização clássica que vê na primeira metade do século XVII um momento de corte maior, de contraste muito forte entre uma idade de ouro, onde a cultura popular teria sido viva, livre, profusa, e uma época regida pela disciplina eclesial e estatal, onde ela teria sido reprimida e subjugada. Este esquema pareceu pertinente quando se tratava de dar conta da trajetória cultural da Europa Ocidental: aos 1600 ou 1650, as ações conjugadas dos Estados Absolutistas, centralizadores e unificados, e das Igrejas das Reformas protestantes e católicas, repressivas e aculturantes, teriam abafado ou recalçado a exuberância inventiva de uma antiga cultura do povo. Ao impor disciplinas inéditas e novas submissões, ao inculcar novos modelos de comportamento, os Estados e as Igrejas teriam destruído em suas raízes e seus antigos equilíbrios um modo tradicional de ver ou viver o mundo. (CHARTIER, 1995, p. 180).

Chartier (1995, p.183) expõe, então, três postulados que fundamentam a concepção clássica e eurocêntrica de “religião popular”. Esta seria um “conjunto de crenças, dos gestos

considerados próprios da religiosidade da maioria”. Deste modo, entende o historiador francês que:

[...] A cultura popular podia ser defendida por contraste com o o que ela não era, a saber, a cultura letrada e dominante; que era possível caracterizar como “popular” o público de certas produções culturais pode ter tidas como socialmente puras, e algumas delas, como intrinsecamente como populares. (CHARTIER, 1995. p. 183)

Elas não podem ser tão diferentes, pois a expressão “popular” não é tão diferente da literatura da “elite” ou da religião vivenciada pelo “clero”. O que impõe seus repertórios e modelos são partilhas por meios sociais distintos, uma dinâmica social e não apenas os meios chamados classicamente de populares. As práticas distintivas são ao mesmo tempo aculturantes e aculturadas.

Portanto, identificar a cultura popular a partir de objetos e modelos intrinsecamente específicos seria algo inútil. O que importa, efetivamente, quanto a sua repartição é a forma de apropriação pelos grupos e indivíduos. Isto remete que os pesquisadores jamais devem aceitar acriticamente uma distribuição implícita na qual as classes ou grupos correspondem a uma hierarquia paralela das produções e dos hábitos culturais.

O “popular” está contido num conjunto de elementos que descreve e qualificam a relação e os modos de utilizar objetos e normas que circulam na sociedade. Eles são recebidos, compreendidos e manipulados de diversas maneiras. Por isso, a pluralidade de usos e entendimentos que afasta do sentido dado ao conceito utilizado pode ser vista como uma “apropriação social dos discursos”. É importante o procedimento dos discursos dominados e confiscados por instituições ou grupos que arrogam o direito de caracterizarem os outros.

Esta “hermenêutica da apropriação” está atenta para o momento quando representa o momento em que a ‘aplicação’ de uma configuração narrativa particular à situação do sujeito transforma, pela interpretação, a compreensão que tem de si mesmo e do mundo (CHARTIER, 1995, p. 184).

A compreensão da “apropriação” visa uma história social e o modo das interpretações, pautando suas determinações fundamentais nas práticas específicas que se estabelecem. Seja os processos e as condições portadores de operações das produções de sentidos, que visam significar e reconhecer a antiga história intelectual, seja os elementos desencarnados que colocam pensamentos universais invariantes. Deve-se estar mais atento e pensar na descontinuidade das trajetórias históricas.

Rompendo com a definição tradicional de cultura popular, a noção de apropriação utilizada meio de conhecimento pode reintroduzir uma nova ilusão que considera as práticas

culturais como um sistema neutro de diferenças, ou como um conjunto de práticas que se equivalem. Chartier entende que adotar essa perspectiva demonstraria perder alguns itens simbólicos de como as práticas culturais estão em jogo, sua classificação, sua hierarquização e sua consagração. Então, compreender a cultura popular significa situar-se neste espaço enfrentando as relações que unem dois conjuntos de dispositivos: o mecanismo da dominação simbólica, cujo objetivo é tornar cabíveis pelos dominados as representações dos modos de consumo que precisamente (des) qualificam sua cultura como inferior ou ilegítima. Por outro lado, postular as lógicas apontadas como específicas do funcionamento, os usos e modos de apropriação do que lhes é atribuído.

As estratégias e táticas elaboradas constituem um recurso muito utilizado por Michel de Certeau em seus estudos acerca das “artes de fazer”. Pensar nesse instrumento como recurso supõe as táticas que refletem a existência de lugares e instituições produzindo os objetos, as normas e os modelos desprovidos de um lugar próprio e do domínio do tempo. Deste modo, as normas “populares” de cultura podem ser pensadas como táticas “produtoras de sentidos”. Essa produção “racionalizada, expansionista, centralizadora, barulhenta e espetacular, corresponde a outra produção de sentidos; não há apenas o “consumo” (CERTEAU, 1994). Ela se insinua em todos lugares, silenciosamente, quase invisível, mas não se manifesta através dos próprios produtos, mas pelos produtos crenças e práticas propostas pelas classes dominantes.

Um modelo de compreensão das práticas populares apresenta um modelo exemplar e central: a leitura. Fazendo desenvolver todo um aspecto criativo, indutivo e simbólico através das representações, a leitura deve evidenciar certa coerência. Entretanto, ela visa modelar as condutas e pensamentos, impondo um condicionamento homogeneizante destruidor da identidade “popular”. Portanto,

As formas populares das práticas nunca se desenvolvem num universo simbólico separado e específico: sua diferença e sempre construída através das mediações das dependências que as unem aos modelos e as normas dominantes. (CHARTIER, 1995, p. 189)

As representações nunca mantêm uma relação imediata e transparente com as práticas que permitem ver. Portanto as intenções e interesses visam “reconstruir as regras e os limites que comandam as práticas da representação letrada, ou popular, do popular e, por consequência uma pré-condição necessária para decifrar corretamente o laço forte, porém sutil, que unem essas representações e as práticas sociais que constituem seu objeto” (CHARTIER, 1995, p. 190).

Nessa ocasião, vale lembrar que definir cultura (popular ou não) é um processo que vem sendo indagado há tempos. Porém, encontram-se obstáculos que dificultam uma abordagem mais objetiva. As práticas, as representações e os modelos de apropriação são muito peculiares. Estas produzem sentidos aos “signos”, a partir da constatação dos “significados” que estão nas relações sociais.

A leitura integra o paradigma que constitui a História Cultural. Outro aspecto importante é a descrição dos dominados, que costumam interiorizar a compreensão e a relação com os dominantes com o reconhecimento das expressões significativas. Assim, as relações com sujeito postulam a criação de um sentido impessoal cujas ações podem exemplificar as regras e os procedimentos que habitam os sentidos culturais, mas não o controlam.

Em outras palavras, a história cultural é construída pelo estudo das representações geradoras de condução dos sujeitos e das práticas sociais dotadas pela explicativa do real. Para a historiadora Sandra Jatahy Pesavento (2014, p. 40), a representação possui na verdade um conceito ambíguo ao estabelecer um laço entre a “ausência e a presença”. Ou seja: não é uma reprodução do real, mas uma construção feita por ele:

[...] Representação de algo ou alguém que se coloca no lugar do outro, distante no tempo e/ou no espaço. Aquilo/aquele que se expõe – o representante – guarda relações de semelhança, significando e atributos que remetem ao oculto – o representado. A representação envolve processos de percepção, identificação, reconhecimento, classificação e exclusão. (PESAVENTO, 2014. p. 40)

Mas essa construção da representação também é portadora do simbólico, carregada de definições ocultas, construídos por vezes socialmente e historicamente, mas internalizadas como práticas naturais. Em termos gerais, decifrar a realidade das representações é tentar chegar em formas discursivas e imagéticas do mundo de cada sujeito, em um processo complexo.

Por fim, Chartier mostra visivelmente que a dicotomia entre “popular ou não” na cultura não deveria ocorrer, mas ressalta suas complexidades, propondo um conceito de *cultura* considerada como estratégia de uso, práticas, representações e apropriações.

1.2 Religião Popular

A religião popular apresenta questões que estão intrinsecamente ligadas à percepção da cultura popular. No nosso caso, estudamos as romarias, que estão intermeadas de transformações sociais, favorecem o surgimento dos fenômenos religiosos, por vezes

invisíveis, na reprodução da experiência religiosa nas camadas amplas da população. O alvo de abranger as relações que transformaram e intensificaram a religião, ressignificando práticas a partir de determinadas condições, mostra também que as relações da religiosidade popular e a cultura se misturam entre conceitos e definições dentro da dinâmica da recriação táctica do que seja o “popular”.

Sergio Da Mata (2010) propõe que o fenômeno religioso surge num caminho que parece ser evidente. Ao ser analisado, considera-se os vários indivíduos dentro de seu tempo, percebendo o que neles se manifesta e construindo os interesses que o cercam. Considerar que o fenômeno é fruto de uma construção social histórica e torna-se um objeto passível de uma representação compreensível dentro de estratégias traçadas pelos religiosos.

O Santuário Basílica do Divino Pai Eterno é uma das referências religiosas em Goiás, que cresceu gradativamente em número de fiéis e hoje em dia recebe milhões para cultuarem o Divino Pai Eterno. Atualmente, o fluxo se dá primeiro pela fé e devoção à divindade, chamada de Pai Eterno. Em seguida, pelo número de atrações que a festa pode oferecer atualmente. Entretanto, em referência à sua história, que abordaremos detalhadamente no segundo capítulo deste trabalho, diagnosticamos que os sujeitos que faziam a romaria eram inicialmente pessoas que viajavam de vários lugares, classificadas como pobres. Eram pessoas das áreas rurais, pessoas de baixa renda, das periferias das cidades e até mesmo “descrentes” que vinham apenas por curiosidade. Diante do aumento da infraestrutura do Santuário Basílica do Divino Pai Eterno, inaugurado em 2006, percebemos que os romeiros vem atualmente de diversas cidades do país e até do exterior².

De acordo com Brandão (2007, p. 253), uma religião popular é constituída de forma relativamente arbitrária, conduzida “por religiões eruditas e negando as classes subalternas”³. Com exceção da posição da classe do sujeito, o sacerdote é socialmente definido através do poder atribuído como alguém que domina o conhecimento erudito. Ao reconhecer a existência dessas diferentes visões religiosas, as vezes ameaçadoras, o sacerdote da igreja admite o direito legítimo e a necessidade de professar a posição da igreja, de conduzi-las ao catolicismo oficial, projetando certa ilegalidade jurídica e sagrada aos modos populares de apropriação. “As falhas das religiões populares é o que de fato as constituem”, pois, são os desvios as

² As informações deste parágrafo estão disponíveis no site do Divino Pai Eterno. A romaria de 2016 superou a expectativa do Santuário Basílica do Divino Pai Eterno chegando a um número de 2,7 milhões de visitantes nos 10 dias de festa da romaria. O investimento e grande para trazer um número maior de romeiros, para isso investem em atividades diversificadas e diferenciadas vários tipos visitantes, com objetivo de que a fé sai mais fortalecida. (<http://paieterno.com.br/site/2016/07/03/romaria-2016-reune-cerca-de-27-milhoes-de-pessoas-em-trindade/>. Acesso em 22/04/2017).

³ Esse termo subalterno está “retomando o significado que Gramsci lhe atribuiu ao se referir ao ‘proletariado’, ou seja, aquele cuja a voz não pode ser ouvida”. E Spivak argumenta, descreve “as camadas mais baixas da sociedade constituídas pelos modos específicos de exclusão dos mercados, da representação política e legal, e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante” (SPIVAK, 2010, p.13).

diferenças que “separam os dois domínios que fazem a religião popular ser, a seu ponto de vista, um modo de religião”.

Entre os polos opostos, está a religião de mediação⁴. Ela é aquela que está entre o popular e o erudito⁵, sendo reprodutora de valores com comando erudito. A devoção de Trindade é o lugar do agente mediador (Padre) com nome e lugar de ambos. Entre os sacerdotes e as classes subalternas estão uma série de intermediários leigos. Na religião plenamente popular, o cristão fala diretamente com o santo e Brandão afirma através de um testemunho que: “Gente que faz promessa pro santo, quando precisa, fala com ele. Ele reúne a turma e vai” (BRANDÃO, 2010, p. 256).

Assim, os enunciados diferem para os diferentes sujeitos que trabalham com o sagrado. Os populares utilizam termos como “toca” “mexe” “faz”, que são palavras vulgares do cotidiano, referidos na maneira de como falar com Deus. É ainda nessas circunstâncias que a religião, vida e o trabalho são considerados “de baixo”⁶. Sendo assim, são vividos de acordo com os recursos do lugar. É nessa situação que se faz um estilo de vida religioso, sobre o que se tem um nível bem concreto. Deste modo, a religião:

... é um estoque de regras e recursos com o sagrado a serviço das demandas cotidianas essencialmente terrenas e, tal como se faz e refaz em todos os outros setores de cobertura e reprodução de modos subalternos de vida, ali se lança mão do sagrado para a solução do diário. (BRANDÃO, 2010, p 258)

Importante acrescentar que a vida de fé é mantida nos cultos familiares, onde famílias se reúnem como grupos religiosos, dentro das próprias condições de cada um, aprendendo e adaptando os espaços e remodelando o sagrado. Nos festejos de todos os anos do calendário litúrgico, temos na religião oração e diversão, que se estabelecessem “não por promessa, mas por gosto e devoção para com o santo”. Tudo isso é envolto pelo compromisso com o sagrado.

A ética religiosa dos devotos incumbe o desejo de cultivar mais gestos comunitários, de reprodução de solidariedade. Segundo o sertanejo⁷, a conduta religiosa deve ser algo irrepreensível, incluindo os atos de submissão ao poder sagrado, de separação entre igreja e

⁴ Brandão no livro *Os Deuses do povo: um estudo sobre a religião popular*, no capítulo quarto, descreve e qualifica sobre religião popular, elaborando um quadro comparativo com resultados de todos arranjos e conflitos entre grupos de domínio, grupos de mediação, e grupos de domínio popular. No grupo de domínio de mediação o catolicismo popular: agentes semiletrados e serviços estendidos a burguesia.

⁵ Rubens Cezar Fernandes, também explica esse termo mediação como forma de interpretação das diferenças sobre as religiões populares e eruditas. Embora não possam ser um denominador comum, ele é capaz de mostrar tanto com as palavras e imagens do erudito e do popular, como elementos básicos compostos de relacionamentos entre as partes e variando os próprios termos e com visões diferentes. (1982, p. 135)

⁶ De acordo com Brandão, designa “de baixo” a situação de classe do proletariado que conseguem manter e reinventar as bases da estrutura.

⁷ Partindo das considerações de Deus (2000), mencionou a concepção de “sertanejo” diferenciando do “caipira” mostrando a realidade para explicar o caráter dos habitantes rurais, que abrange os grupos sociais que frequentam a romaria.

mundo. Brandão (2007, p. 272) defende que a “reconquista dos espaços populares de religião, feita com o trabalho dos subalternos e proclamada com acusações dos dominantes, é um ato político de classe, que resulta no sistema comunitário do catolicismo popular”. A defesa religiosa das classes das instituições também acontece no “popular” das religiões pois é um serviço próprio da luta na conquista de espaços. Assim o que acontece no “catolicismo popular é a reprodução desta prática religiosa e evitação da palavra profética, a não ser quando conjecturas externas de expropriação transformam a comunidade”.

Os homens e mulheres religiosos parecem intensificar a procura e as provas de fidelidade ao sagrado em tempos de aflição, pois na vida cotidiana eles creem e reconhecem que “está tudo cheio de deuses”. Mas a fração mais ativa do fiel se dá dentro de um campo simbólico de trocas entre seres deste mundo e do outro, mergulhadas no âmbito de crenças envolvendo compromissos de vida com sistema religioso, que pode ser católico ou não.

Na verdade, os sujeitos subalternos esperam da religião a *proteção*. Mesmo um fiel que nunca tenha recebido nenhum milagre, quando ele reconhece o sagrado, sente-se protegido por alguma força. Assim ele permanece devoto. Isso mostra que a proteção intensifica e legitima o que seria mais evidente que é a *identidade*. Identidade das crenças e das práticas religiosas sobrepõem qualquer categoria de posições econômicas. É necessário que o fiel tenha certezas fundamentais mesmo que aparentemente vagas sobre a vida, o mundo e as contradições das trocas de ambos. Esse sentimento de *estar protegido* é um dos reforços da identidade e certezas dos saberes religiosos, que fazem o centro das razões da apropriação e das representações populares do sagrado.

Segundo Brandão (2007, p 274), o “povo fiel compartilha a investidura de uma identidade que recobre com o nome dos sagrados de respeito e legalidade, além de um tipo de saber primário que fundamenta toda lógica e o repertório do uso fácil de símbolos e mitos de significação popular de todas as coisas”. Portanto a prática religiosa do devoto, o acesso obtido às frações do mistério, concretizam a certeza de partilha do poder. Esse processo sustenta e invoca o sagrado com seus próprios recursos.

A religião está revestida de maravilhas. Ela permanece sempre pronta a atender as solicitações mais corriqueiras da vida concreta do cotidiano. Às vezes, para o fiel, ela é a única fuga da vida normal. Ela reúne em todos aspectos as distrações mais fervorosas, criativas e desesperadora e também escapa da armadura de ser e do viver comum do dia-a-dia. A religião popular oferece por meio da fé, a diversão e o encanto nas horas profanas que vem após o comprometimento obrigatório com o sagrado.

É preciso sublinhar que o popular sustenta na religião as condições políticas de resistência e autonomia subalternas. Brandão (2007, p. 277), percebe, nas peculiaridades

culturais e religiosas, que as ideologias não podem responder de maneira uniforme, diferenciada e adequada às demandas e contradições sociais diante da religiosidade, especialmente na formação social brasileira.

Fernandes (1982) também arrisca definir o conceito de *religião popular* como sendo de natureza relacional e complexa. Ele se manifesta numa linguagem diária, na qual são comuns “localizar contextos, distinguir significados, identificar funções”. Toda essa consideração valoriza os aspectos da devoção e esquematiza a realidade da vida religiosa. O interessante é que as “práticas religiosas não se isolam em círculos de classe homogeneia”, podendo ser divididas basicamente em “sacerdotes” e “leigos”. Nesse contexto, entende-se, que a religiosidade mostra as “diferenças” da *religião popular* com a *religião erudita* ao ponto de descrever toda uma pluralidade existente para cada tipo de ritual vivenciado. Pois a religião, nas suas relações com a cultura e a sociedade, não opera de maneira uniforme.

A sociedade estabelece algumas proposições sobre as religiões. Rubem Alves diz que a religião é tão importante que nela se “encontram razões para viver e morrer” (ALVES, 1999, p. 85). Assim, entende-se o tamanho de sua importância, seja ela a religião oficial ou popular. Não está em julgamento sua natureza essencial e, sim, o enfoque que a sociedade tem nas esperanças religiosas.

1.3 As Romarias

Os romeiros praticam sua devoção fazendo uma viagem, desenhando um círculo imaginário em direção ao Santuário, a casa da divindade. Há círculos internacionais traçados pelos peregrinos que vão à Roma ou a Jerusalém. Na esfera nacional, as romarias ao Padre Cícero, Bom Jesus da Lapa, Nossa Senhora da Aparecida, se destacam dentre uma infinidade feitas aos santos locais. As romarias qualificam os espaços, atribuem-lhes um centro onde as pessoas rendem louvor e agradecimento. A distância pode ser grande e quanto maior for aquela percorrida, maior a devoção. A romaria representa uma maneira de atribuir a diferença entre o tempo e espaços sagrados e o profano, que segundo Eliade, já citado, seria uma característica essencial da religião.

Há mitos populares muito interessantes a respeito das “imagens milagrosas” que surgem. A morada dos Santos não é um lugar comum aos outros. Sua origem não surgiu de normas comuns de fundação; uma nova localidade religiosa resulta de uma sucessão de acontecimentos miraculosos que escapam à esfera do controle humano.

O local estabelecido pelo santo tem resistência, inclusive, aos planos da autoridade eclesiástica e à força mecânica que os homens podem reunir. Outra característica é que na maioria das vezes alguém muito religioso e carente encontra a imagem. A partir disso, começaram vários centros religiosos. O primeiro lugar de aparição é mais significativo, pois há outros tipos a considerar, mas a localização do santo em pontos da natureza que escapam ao espaço comum da apropriação humana é uma característica frequente.

A estrutura dos centros de romaria foi criada basicamente durante a Idade Média⁸. Apesar das variações, essa estrutura permanece atualmente em vigor, tornando-se um traço característico de alguns centros religiosos, de acordo com as crenças e costumes de cada localidade. Os grandes centros de romaria retomam a ideia do povo simples que deseja de maneira rápida “encontrar-se” com o sagrado, uma vez que, a caminhada é a maneira de comunicar e dedicar seu amor à divindade. Zeny Rosendahl explica esta herança, que pode ser encontrada na história medieval:

A peregrinação cristã católica, que data o século V, também conhecida como romaria, pelo fato de consistir inicialmente na ida de devotos para cidade de Roma. Acredita-se que a graça divina é especialmente poderosa nos lugares visitados por Jesus Cristo, pelos Santos ou pela Virgem Maria, lugares quais eles aparecem em visões ou em que estão guardadas suas relíquias. Os principais centros de peregrinação incluem Jerusalém, Roma, Lourdes e centenas de outros centros de convergências religiosa cristã espalhados pelo mundo. Existem santuários de nível internacional, nacional, regional e local. (ROSENDAHL, 2012. p. 20)

No ocidente medieval, a ênfase era na peregrinação. A fé residia mais que no lugar a qual se pretendia chegar, nos percalços do esforço físico da rota, no distanciamento da vida cotidiana e no tempo necessário para conclusão da sofrida viagem. Essa prática expressa de “ir para outro lugar”, ir ao encontro do divino, é demonstrada pelo esforço físico e espiritual.

A peregrinação obteve certa avareza junto das elites eclesiásticas e logo tomou um caráter popular a partir do romantismo. Maia (1986) analisou que “perseguidas pelas autoridades civis e religiosas, elas possuíam vagas sobrevivências. Circunscrita a uma vila ou pequena região, só parecia interessar as populações rurais incultas. Assim sendo, naquela época, os mistérios da fé cristã no Brasil foram introduzidos pelos portugueses, e não só pela intervenção do estado, mas pelas ordens religiosas. A colonização do Brasil foi feita em etapas e valorizando áreas em momentos distintos, permitiu que o catolicismo assumisse características próprias, diferentes do catolicismo europeu. (ROSENDAHL, 2012, p. 43).

⁸ LE GOFF, J. SCHIMIDT no livro: Dicionário Temático do Ocidente Medieval descreve no capítulo de peregrinação a “antropologia da peregrinação medieval” referindo a deslocamentos de pessoas a lugares santos como uma prática comum à de todos tempos. Santiago de Compostela, Jerusalém, a Basílica do Santo Sepulcro, Lourdes são centros de romaria que explica sua importância desde a antiguidade até hoje em dia.

As primeiras romarias brasileiras datam do século XVI. Geralmente, eram de origem portuguesa, com santos trazidos de lá. Já havia a presença de conflitos entre a fé popular, que quer se expressar publicamente, e a hierarquia eclesiástica, que quer submeter a devoção a seu controle.

Zeny Rosendahl (2012, p. 39), explica que algumas cidades podem ser denominadas de *hierópolis* ou *hierópolis*, que em grego significa cidades-sagradas. As cidades são assim denominadas por receber um número de fiéis ao santuário durante o ano todo, e não somente por ocasião das festas do calendário litúrgico. Portanto, as cidades-sagradas possuem uma ordem predominante, sendo marcada pela prática religiosa da peregrinação ou romaria ao lugar sagrado. Sendo assim, a organização das *hierópolis* em torno das atividades religiosas encontra-se em algumas atividades da vida urbana que favorecem os fiéis. Qualifica o espaço profano do lugar quando “os peregrinos, como agentes modeladores do espaço nas cidades-santuário, têm a importante tarefa simbólica de produzir e reproduzir o arranjo espacial urbano”. Porém, as interpretações das funções urbanas só podem ser realizadas se forem considerados elementos de determinada cultura⁹.

Os locais sagrados no Brasil estão em lugares bem diferentes, às vezes muitos simples, às vezes nos mais admiráveis e belos santuários. Abordar a gênese de cada um não é o interesse deste trabalho, que está mais nas relações dos devotos com os lugares de aparições dos santos e como elas estão entrelaçadas com os atuais templos, visando compreender a romaria de Trindade (GO). A população brasileira, de modo geral, não hesita em proclamar a intervenção de Deus nas coisas mínimas. Pois acredita e confia na intervenção divina de suas preces, e realiza sua obra que poderia estar ameaçada ou em perigo (MAIA, 1986).

Bom Jesus da Lapa no Estado da Bahia é um centro de romaria que reúne grande número de fiéis desde meados do século XIX. A natureza ali guia a imaginação e surge a referência de um morro como uma obra da natureza humana unida ao sagrado. Neste acidente geográfico, criou-se uma concepção extraordinária de quanto o lugar manifestação do sagrado. Steil (1996) diz que “o Santuário de Bom Jesus da Lapa possui um poderoso magnetismo devocional sobre os peregrinos e uma capacidade inerente ao próprio local de produzir poderosos sentidos e significados para seus devotos”. Nessa tentativa de relacionar o sagrado com meio ambiente, Steil mostra a história da sociedade local, a história do Brasil e a história do catolicismo brasileiro em um fenômeno religioso popular e tradicional.

⁹ Para Rosendahl é importante acrescentar que a cultura local reflete o alto nível de sacralidade no controle sobre o ritual e as crenças. “As práticas de rezas, as promessas e romarias torna-se uma forma simbólico-religiosa centralizada no santo”. (2012. p. 44)

A romaria do Santuário de Bom Jesus de Pirapora em São Paulo é também um centro religioso, iniciado no século XVIII, quando foi encontrada a imagem do Bom Jesus nas margens do Rio Anhembi. Esta imagem foi ali colocada em um altar na simples residência de um cristão. Identificou Rubens Cezar Fernandes, no seu livro “Os Cavaleiros do Bom Jesus”. No capítulo “o mito e a história”, o autor busca o entendimento do lugar na relação das manifestações milagrosas, e as expectativas despertadas. O aparecimento do santo, nesse caso, é uma característica a considerar, já que ela sobrevive e fala por si.

Igualmente em Aparecida do Norte, a devoção começa no século XVIII e possui um legado de grandes mudanças de acordo com as necessidades momentâneas dos cristãos. O amplo crescimento de visitas ao santuário, chamadas de romarias, tornou necessárias as adaptações, o que fez a igreja católica construir um grandioso santuário ali. Atualmente ultrapassa as condições de infraestrutura da cidade para receber tantos fieis. Este é conhecido e considerado o maior santuário do Brasil. Todas essas mudanças aconteceram porque houve a necessidade de separar a área de culto dos demais barulhos (profanos) que estavam ao redor da igreja (MORENO, 2006).

A conhecida *subida do Horto*, assim denominada pelos romeiros, é uma romaria que está situada no nordeste brasileiro sendo mais um dos centros de devoção popular ao Santo popular Padre Cícero. A romaria ocorre anualmente desde o final do século XIX, e ainda está presente na contemporaneidade, sendo um dos mais intensos e importantes fenômenos religiosos do Brasil. Viver em outros contextos uma das maneiras de viver a religiosidade popular e intensificar de formas significativas com fé e devoção nesse vasto universo religioso, complexo nos faz ver o “leque expressivo de configurações e de sentidos, com sujeitos e agentes de diferentes tipos que a realizam e a constroem enquanto tal”. (BRAGA, 2014, p. 198)

O romeiro que adota a imagem e busca a presença do Padre Cícero¹⁰ na cidade de Juazeiro do Norte no Ceará, construindo e dando voz a um “mito”, expressam uma figura histórica dos locais que ele percorreu durante sua existência. Uma forma de construção de religiosidade popular traz uma especificidade e ainda permanece. Ali, foram sacralizadas algumas imagens, com intuito de fixar o culto, tornando-se um grande centro de romaria nordestina.

Nesta perspectiva, o processo de como se dá à construção do “santo”, torna-se primordial para o entendimento da existência das romarias. Para Tolovi (2015, p. 126), o

¹⁰ O romeiro residente e o visitante constroem abstratamente novos símbolos, atribuem ao Padre e os concretizam. Passa Juazeiro a ter novos locais que, com o passar dos tempos, são incluídos como originais aos passos do sacerdote. (web site: <http://www.godocs.com.br/padre/docs/romeiros.pdf> acesso em 21/04/2017)

ponto de vista dos romeiros é que a figura do Padre Cicero resultou em um santo mitificado capaz de “abalar as estruturas da Igreja Católica no Brasil”, sendo referência de santidade. Assim, o processo de santificação é decorrência dos caminhos que percorreu durante sua vida. Fatos da vida de Padre Cicero, desde seu nascimento até sua morte, foram vistos e analisados como divinos, tornando essa passagem de vida um cenário que revela a dimensão nada comum na história de sua existência. Tudo isso foi atribuído através das práticas e representações da religiosidade popular.

Para os romeiros, definirem a religiosidade é algo bastante simples. Eles a relacionam com um lugar santo, uma imagem, os milagres e aos devotos que frequentam o lugar “sagrado”. Para a Igreja Católica, os lugares não se relacionam com o “popular”, pois são distintos e existe um limite entre a estrutura hierárquica da Igreja Católica, na qual os personagens populares são geralmente um pivô causando contradições. Entretanto, os padres e bispos precisam de sua clientela. Se curvaram para as manifestações de caráter popular nos processos de santificação, como ocorre atualmente no reconhecimento oficial do Padre Cicero.

“A forças das romarias provocam mais forças e representam esperanças, alimentadas pela fé” (TOLOVI, 2015, p. 131). Já que a motivação eleva a força da romaria ao Padre Cicero, jamais se relaciona somente ao fato do milagre da hóstia, mais sim com a figura e imagem do Padre que transformou-se no motivo inicial das romarias desencadeadoras de fenômenos de dimensões maiores. Os poderes sobrenaturais fornecem aos romeiros que ali vão segurança e esperança.

Periodicamente, os romeiros seguem em viagem com seus carros enfeitados, carruagens ou bicicletas, a cavalo ou a pé. Em certas ocasiões, estas viagens duram dias, até semanas. Os romeiros costumam fazer festas durante todos os dias de viagem, com danças e roupas expressando o caráter religioso. A ida até os Santuários é importante para os desprovidos de meio de transporte, porém mesmo quem os tem se adequa os meios simples.

O sentido da peregrinação, para Maia (1987), é ato voluntário e desinteressado pelo qual as pessoas deixam seus hábitos, seus ambientes, num espírito religioso, para se dirigir até um santuário. O peregrino, no termo de sua viagem, espera que o contato com o lugar santo seja o atendimento de qualquer desejo pessoal e legítimo, aprofundando no seu íntimo, na purificação do caminho da vida, da oração e da meditação que alimenta.

A origem da palavra romeiro, na verdade, advém do latim, significando *peregrino* que se dirige a Roma. Em nossa cultura, designa a pessoa que viaja para determinada cidade afim de pagar uma promessa ou prestar devoção e adoração a um santo, ou mesmo agradecer as

graças alcançadas. A religião católica possui um *calendário litúrgico* marcado pelas celebrações aos santos e santas. Isso pode ser expresso na devoção dos peregrinos.

O ato de partida do romeiro é um ato de fé, de esperança, da expectativa de busca da elevação espiritual e necessidade de ir ao encontro do sagrado. Cria-se um estado de espírito com receptividade e satisfação, além de aprofundar a extensão das dificuldades encontradas no caminho. Cumprir a prática da romaria é reconhecer a força interior do amor provado através da presença da realidade sacral e atingindo uma libertação na transcendência pelo reconhecimento do mistério. Superar o espaço e o tempo é ir além, para o transcendente, que o lugar privilegiado de restauração e empoderamento.

O caminhar pelas estradas arranca de toda a mordomia do lar. Desistir dela é colocar-se à disposição do sacrifício para Deus e para o outro. *Vir à casa do Divino Pai Eterno* “é partida, saída para outro”. (MAIA, 1986. p. 10). A casa do Divino Pai Eterno é estabelecida enquanto lugar sagrado onde Deus estará mais próximo e acessível aos fiéis; lugar onde Ele administra as graças, especialmente as curas corporais e espirituais. No momento da romaria, o romeiro coloca a vida em reflexão, pois a grandeza do *amor de Deus* nos traz bênçãos além da nossa vida e é transcendente, sendo a aceitação da essência do eu, do nosso próprio querer e da vontade de Deus, obtendo acima de tudo uma graça alcançada em nome da divindade ali presente.

Para Maia, a peregrinação é essencialmente, rota, passagem, páscoa. O homem que busca a reconciliação e o perdão é habilitado no íntimo do seu ser pelo obscuro sentimento de culpa. A impressão de estar em ruptura consigo mesmo causa males. Assim, o autor faz uma comparação da caminhada com o caminho da vida, no qual avançamos passo a passo. A vida cristã se realiza gradativamente. Somos indivíduos lentos e raramente nos despertamos de uma só vez. “O tempo de um caminho é necessário para penetrar da grandeza do amor de Deus”.

Uma das características do peregrino, que se estende até os dias atuais, é honrar a Deus e seus santos, fazendo atos de penitência. Ele precisa suportar pacientemente os trabalhos, os sofrimentos encontrados no caminho. Aumenta ainda sua devoção imitar os bons exemplos dos santos, o que o aproximará de Deus. Tais práticas estão, atualmente, ligadas à religião popular.

Formar grupos e lutar contra a insegurança do caminho é uma forma coletiva de agradecimento ao Divino Pai Eterno para os devotos. Neste quase cenário ritualizado, as orações são na maioria das vezes informais. Numa simples invocação a Deus Pai, acompanhada de emoções, veem-se sentimentos e lágrimas de agradecimento à promessa cumprida.

Os momentos são carregados de sentidos religiosos, como disse Guimarães Rosa em *Grande Sertão: Veredas*. “A ideia dos lugares de saída é a chegada” (1994, p. 43), o que mostra bem o significado do longo caminhar, dos perigos vencidos e das dificuldades contornadas que dão valor de purificação à peregrinação.

1.4 A Motivação: buscando a grandeza do amor do Pai

O *ver e o venerar* são elementos naturais e materiais que se constituem em objetos desta visão e da veneração. Tocar em relíquias para ser santificados, situar-se em um lugar santo, passar na fita da igreja do Santuário Basílica do Divino Pai Eterno, não só são atos de adoração, já que o Peregrino quer ver, tocar, sentir, mesmo que de forma abstrata o Pai Eterno. Essa ação intensifica e ritualiza a romaria na análise de Maia, o propósito da romaria conclui nesta fase. Venerar implica em receber parte da energia das relíquias dos Mártires, recolher o fruto e bênçãos que delas emana.

Ver é o primeiro objetivo do Peregrino. Ver os lugares santos. Ver para satisfazer sua curiosidade e também para sua instrução ou proveito essencialmente espiritual. A visita a lugares Santos quer ritualizar, pela lembrança e oração, o acontecimento que sucedeu neste lugar seu valor salvífico. (Maia, 1986 p.11)

A qualificação mais humilde de gratidão é o agradecimento. O romeiro que teve sua súplica atendida se enche de um sentimento de dívida. Nessa conexão existe uma relação de respeito entre ambas as partes, que fortalece estabelecendo simpatia e fidelidade dos devotos por meio de promessas e súplicas. Roga-se pedindo milagre e quando se chega consolida-se a comunicação com Pai Eterno. Cumprir a promessa é uma consequência em forma de agradecimento, sendo ato de dar valor e prestígio ao Pai Eterno, já que a *gratidão é amor, partilha, dom* e reconhecimento. Considerando que (PIETAI, 2009, p. 104) entende:

No caso específico da gratidão, ocorreria, por parte do beneficiário, uma valorização positiva do benfeitor, portanto um sentimento interindividual. Pode-se dizer que, na gratidão, ocorre uma troca (e não uma transferência de valor), pois do recebimento de uma benesse decorre a valorização positiva do benfeitor (e não há transferência de objeto em retribuição ação recebida). É dessa valorização positiva do benfeitor e não apenas de sua ação que decorrem o sentimento de uma dívida psicológica e a necessidade sentida do beneficiário de retribuição da benesse recebida.

1.5 Milagre, oração e agradecimento

Marc Bloch demonstrou seu interesse por um tipo de fonte que poderia apresentar novas interpretações sobre a crença na virtude milagrosa e *no toque do Rei* (o Poder Divino dos Reis), estudando-o na França e na Inglaterra. Ele descobriu novas perspectivas na interpretação dos fenômenos sobrenaturais. De fato, ele não problematiza se os episódios dos milagres na Idade Média eram objetivamente verdadeiros; partindo de dados coletados, ele

percebeu e procurou explicar um lugar em que havia ocupado nos espíritos e as implicações que poderia ter sido no campo religioso e político. Somente na década de 60, com a vaga na história das mentalidades, surgiram novos interesses pelo estudo da religião e da cultura assim denominadas de “popular”.

Para Marc Bloch, fundador da Escola dos Annales, a noção de milagre foi sempre definida como um fato sobrenatural, não explicado pela razão e contrário às leis naturais. A ideia de que *nada é impossível para Deus* é o que estabelece a justificativa, o que fundamenta o milagre. Assim sendo, DaMatta (1987) mostra uma definição bem objetiva sobre milagre, que nada mais é que uma forma de atendimento ou resposta a um assunto:

O milagre é a prova de um ciclo de troca que envolve pessoas entidades Sobrenaturais na forma de desejos motivações sentimentos e vários objetos alguns inclusive com a forma da parte que foi curada (DAMATTA, 1987, p. 98)

O milagre é uma das formas intrínsecas da vida religiosa. Confirma a adoração legítima, o chegar próximo a Deus. Jesus foi de fato modelo que todos os santos tentaram imitar em suas curas milagrosas, o que marcou igualmente os hagiógrafos medievais. Eles atribuíam a seus “heróis” as mesmas curas que são descritas nos evangelhos. O milagre do salvador é apresentado como a resposta a um ato de fé - esta fé que *move montanhas* e ao mesmo tempo é materializada por uma palavra ou prece endereçada a Deus Pai.

Em busca pelo conforto da palavra, do amor e do mistério do sobrenatural, o milagre expressa sentimentos que os romeiros têm internalizado, que os instiga à partirem em *busca de Deus*. Mesmo nas piores condições, o cristão não pode perder a capacidade de ir atrás, de renovar-se e manifestar-se diante do divino. Ao atribuir significados à festa, a imagem sagrada do Pai Eterno permanece ligado ao imaginário religioso. É dentro desse imaginário que se preenche o vazio da alma dando lugar aos sentimentos de alívio, de conforto e de amparo. Nesse sentido, DaMatta considera que:

[...] na forma de promessas, oferendas e sacrifícios, são naturalmente mais fortes que um simples pedido verbal, pois que elas implicam um ato de cometimento muito mais denso e dramático, às vezes exigindo o gasto de parcelas de dinheiro que são críticas em termos de economia doméstica e pessoal do ofertante. Além disso, a promessa é um pacto que obriga os dois lados a alguma ação positiva no sentido de resolver o problema apresentado. Se eu, assim, peço uma graça e logo em seguida me sacrifico com a oferta de algo precioso para o santo (ou santa) de minha devoção, a lógica social faz com que ele (ou ela) também se obrigue a resolver meu problema, atendendo cortesmente a minha súplica (DAMATTA. 1986 P. 92).

O pedido verbal que DaMatta a que refere-se acima é a maneira que o romeiro tem de se “comunicar com Deus”¹¹. É através da oração – pedidos e promessas ora individualmente ora coletivamente – que se expressa o sentimento de fé, de esperança e a caridade para atendimento das súplicas.

Assim, as promessas vêm por meio das orações que na sua grandeza, possuem uma dádiva. Essa relação entre o cristão e o transcendente ocorre em dois sentidos: o primeiro, quando advém do surgimento de uma adversidade (física ou espiritual) e a segunda somente pelo amor retribuído a Deus. Nesses momentos, a relação com Deus se fortalece e solidifica.

A dádiva é um mecanismo geral da vida social. Mauss postula que “ a complexidade da vida social por um constante dar e receber, pois torna-se obrigações organizadas de modo particular, daí entender as relações de troca que são concebidas e praticadas nos diferentes tempos e espaços (MAUSS, 1974, p. 98).

A oração é o fenômeno religioso mais usado desde a antiguidade, pois traz um enredamento que mostra de diferentes maneiras e modos estar próximo ao transcendente. Ela é uma das maneiras mais simples de ser “atendido e reconhecido”, segundo DaMatta, pois existe uma formalidade estabelecida como sendo um meio de comunicação. Portanto, a oração é uma das práticas típicas das romarias, sendo particular ou coletiva. Elas são intencionais, já que o romeiro deseja rogar e agradecer a Deus por suas súplicas atendidas. A oração em um lugar santo é suscitada por aquilo que se vê nesse lugar, pois retoma um acontecimento sagrado que marcou a sua vida e a de seus próximos.

1.6 Os Ritos

A sociedade contemporânea auxilia no tema da reflexão dos ritos que são feitos, que na sua maioria podem até não ser de ordem religiosa. Um questionamento que vem em mente é por que os ritos têm a repetição como marca em comum. De acordo com alguns pesquisadores, as repetições são como a sociedade formaliza suas relações, a exemplo da missa, do culto ou da romaria. Através dos rituais, os sujeitos “sabem o que vai acontecer”, e vão, assim, “celebrar a solidariedade” “com sentimentos de coesão social” (RODOLPHO, 2004).

Pode-se definir os ritos como parte do cotidiano da sociedade, todavia, necessitamos de um foco sobre o conceito de ritos religiosos. Os ritos de passagem, tradicionalmente, são

¹¹ Roberto da Matta em seu livro “O que faz do Brasil, Brasil? no capítulo “Os caminhos para Deus”, tem um diálogo a respeito da “comunicação com Deus” através da oração. Esta palavra vem do latim “ a palavra, como se sabe, vem do latim e tem, o sentido original, a ideia de laço, aliança, pacto, contrato e relação que deve nortear os elos entre deuses e homens e, por isso mesmo, dos homens entre si” (DaMatta, 1986 p. 95),

mais marcados pelo nascimento, pela entrada na vida adulta e a passagem da morte. Esses acontecimentos são caracterizados em todas as culturas, representam uma *iniciação*. São variados os ritos e diferem de acordo com as culturas.

Para Tuner, os “*ritos de iniciação* marcam a transição de um estado social para o outro”. A iniciação é a forma mais sintética dos ritos de passagem, por meio dos quais opera “sendo mais anúnciação como transição e formação” (1982, p. 83). Levi-Strauss chama atenção para o ritual como o modo pelo qual as coisas são ditas a forma é analisada a parte ou como dizem as palavras. Na romaria, o rito da festa e o pagamento de promessas simbolizam também a “iniciação” de uma nova vida cotidiana, limpos e livres de todos os males que afetam o cristão. Terminam todo o processo dos ritos religiosos livres e limpos para começar um novo tempo sem prejuízos anteriores. O rito transcende o simbólico pois no gesto da ação, o significado de cada romeiro tem propriedades inexplicáveis que o leva ao transcendente. Assim notamos que esse conjunto de significados, gestos e ações muda de acordo com o estado, a forma e o renascer para Deus.

Para Vilaça (2007), o conceito de rito um fenômeno universal sem alterações ao longo dos séculos, sendo um comportamento padronizado evoluído tecnicamente para a vida social. E a sociedade encontra-se construída e organizada não somente na esfera religiosa como afirma a autora:

E quanto se fala em ritual, por regra, é acionado o mecanismo de associação a religião. Não é por acaso que este foi o primeiro tipo de rituais a despertar atenção de antropólogos e sociólogos. Efetivamente é o observatório mais rico desse fenômeno até pela complexidade de símbolos com os quais surge combinado (VILAÇA, 2007, p. 59).

Vilaça tem o olhar nos ritos de passagem e, mesmo no cristianismo, eles tendem socialmente a diminuir. Alguns prevalecem tais como o batismo, crisma, casamento, unção dos enfermos e funeral, mas seu sentido se enfraquece ao marcar as fases da vida cristã.

As manifestações de caráter popular são uma das maiores representações rituais, misturadas em todas as culturas. Vê-se pobres e ricos, todos romeiros em Trindade, sem maior distinção. São cristãos que tem fé, vão em romaria em um único sentido buscando o Pai Eterno em forma de agradecimento. Vilaça (2007) avalia que essa é uma das maneiras de unir uma comunidade de forma espontânea e atrai tal união dos cristãos em um único objetivo.

Certamente, nesses rituais há contornos diversos, formas de apropriação distintas. Se no caso de uma comunidade pequena e tradicional rural o culto e a romaria ao seu padroeiro reproduzem certa continuidade, constrói-se a aparência de indivisibilidade da comunidade.

Reproduzem, deste modo, identidades parciais que se encontram na expressão de fé. Por que incorporam traços de uma sociedade urbanizada, globalizada e individualizada, pautada por pertenças múltiplas, buscam algo mais englobador (Vilaça, 2007, p. 60). Ainda na perspectiva de Vilaça, esses rituais religiosos saem do controle da Igreja oficial e surgem outras esferas da vida social dando conta de sua reconfiguração.

1.7 Conclusão

Para compreender os fenômenos religiosos abordados nesta dissertação foram buscados conceitos básicos que iluminassem os fenômenos pertinentes à religião popular. Faz-se necessário entender que há *utilidade de se crer*. As devoções são um aspecto típico da experiência religiosa, com sentido profundo, para a vida e para os cosmos. Esse termo arrisquei explicar a partir do que Eduardo Quadros denominou de *plusificação*. Isso é o que é gerado no ato de *crer*, usando uma formula da fé para esclarecer o significado para ato de *crer*:

Pela fé [F], a relação com o objeto [X] – coisa ou ideia – faz suplementa-lo, cria um *plus* poético, que pode ser expresso com uma formula matemática:
 $F(x) = n + 1$ (QUADROS, 2013. p. 20)

De acordo com Quadros, essa “formula da fé” apresenta um enigma, que relaciona a dois temos, o ato religioso e o *crer*. Exige, além da representação de uma presença, um ausente invocado. Essas condições de representação fornecem uma formula legível e ao mesmo tempo simbólica da revelação de um *mistério*. Essa é a fonte do fascínio do devoto, isto é: *crer é amar o que não se possui*. Portanto, a necessidade de ir em busca do sagrado vai além de estruturas físicas explicadas pelo homem.

Os tópicos almejavam mostrar que a romaria é, entre outros, um fruto de emaranhados elementos espirituais e sociais. Além dos temas de cultura popular, religião popular do homem religioso, das condições históricas dos fiéis, buscamos significados fundamentais para a romaria. O fato de reunir-se com outras pessoas, fazer um longo percurso, com orações, preces para alcançar as graças divinas, faz o ser humano emergir em busca de forças.

Na consideração de Trindade como espaço sagrado, podemos entender que ocorre uma relação entre sujeito e objeto. É o sujeito que classifica e denomina o espaço. Logo, a experiência pessoal dá sentido aos espaços em Trindade. Tal cidade continuará a ser lugar atrativo por atualizar a memória dos que já se foram e dos que ainda permanecem, bem como

por conceber para os devotos um lugar mais próximo do “transcendente”. Estar em romaria é suspender o cotidiano para entrar em outra grandeza.

A esperança é uma crença para o fiel, possibilitando um resultado positivo na experiência fundamental para a continuação da sua vida. Quando se perdem os “horizontes”, perdem-se também os motivos fundamentais de viver. Para o romeiro de Trindade, ali está o espaço da esperança; indo lá é possível transformar as tristezas em alegrias. Por isso, o romeiro interrompe os seus “afazeres” para reabastecer-se das graças contidas ali.

Os ritos (re) inventados pelos romeiros tornam-se visíveis na liberdade de se manter relação com o sagrado. A importância dos ritos idealiza o poder simbólico de mediação com o divino, que estes possuem, bem como a consideração pelas pessoas que os transmitiram. A imagem do Divino Pai Eterno atravessou as gerações ganhando significados sociais e religiosos, adquirindo no imaginário popular características amplas. A nossa visão externa jamais conseguiria captar com profundidade o que de fato é a experiência do romeiro. Não há detalhes que expliquem plenamente ou que esgotem o sentido da romaria, pois nela é forte a dimensão histórica. Portanto, podemos afirmar, que ao sair da própria terra para ir à *hierópolis* de Trindade, os romeiros reforçam seu sentimento de pertencimento, de identidade, expressas pela religiosidade cultivada pelo grupo. Assim, a prática deste ritual faz os romeiros sentirem-se verdadeiros devotos e bem próximos do Pai Eterno.

2 - ROMARIA DE TRINDADE: “O SANTUÁRIO ONDE SE ESTÁ MAIS PERTO DE DEUS”

Trindade anualmente realiza uma festa em homenagem ao Divino Pai Eterno. Assim, como outras festas de caráter religioso em Goiás, ela destaca-se pela sua essência e originalidade. E perante a estas características passa a existir a religiosidade neste lugar sagrado, escolhido pelo santo e cultuado pelos cristãos. Logo, procuramos perceber como o cristão vai em busca de um lugar sagrado para satisfazer suas carências religiosas? E a partir da história mística do “achado milagroso” inicia sua devoção.

2.1 Devoção ao Pai Eterno

A dezoito quilômetros de “*Campininhas das Flores*”, começou um povoado nas margens de um córrego de água escura conhecido como **Córrego do Barro Preto**. Apesar de apresentar-se sem muita fertilidade, algumas pessoas brotavam esperança e expectativa de encontrar alguma riqueza por parte de algum garimpo. Jacob (2010) observa que na “Relação da Companhia de Ordenança”, datada de 15 de agosto de 1823, documento do Arraial da Meia Ponte (atual Pirenópolis) encontram-se informações acerca do mineiro Constantino Xavier. Ele estava com 30 anos de idade e fora identificado como morador daquele arraial.

Sem muitas expectativas de melhorias entre os anos de 1820-1876, após o decréscimo da atividade econômica com a extração do ouro, havia-se já estabelecida uma sociedade voltada para o cultivo agrícola, principalmente em zonas não tão próximas dos centros urbanos (BRANDÃO, 2004 p. 221). Em consequência, o casal de agricultores Constantino Xavier e sua esposa Ana Rosa decidiram tentar a vida próximo ao córrego com intuito de romper com as dificuldades econômicas da família. Sendo dona Ana Rosa muito religiosa, preocupada com a difícil labuta do campo - constantes pragas nas plantações, lavoura difícil, doenças que se espalhavam pelos sertões -, ela cultivava cotidianamente a fé como força para suportar tudo aquilo. Segundo conta a tradição, em um desses momentos de busca religiosa, eles “encontraram” uma medalha de barro em que estava gravado a imagem da Santíssima Trindade coroando nossa Senhora no céu, enquanto roçavam um pasto nas margens do Córrego do Barro Preto.

Entretanto, há outras narrativas que descrevem o encontro do medalhão de barro. Tanto Miguel Archângelo (1980) quanto Jacob (2000) consideram seriamente o artigo do *Santuário de Trindade* n.º 65 de 01/07/1924:

O nosso bom mineiro não perdeu a coragem. Era muito religioso e punha toda sua confiança em Deus. Como todo mineiro da gemma, trouxe da sua terra o “Santo” de sua devoção. Era mais verônica do que imagem, representando as três pessoas da Santíssima Trindade coroando Nossa Senhora Maria Santíssima. Perante esse sei tesouro religioso, que ocupou lugar de honra em sua casa, Constantino costumava reunir sua família e rezar o terço (*Apud* JACOB, 2000, p. 56).

As duas narrativas apresentadas mostram que, possivelmente, Constantino e sua família eram pessoas já religiosas e, a partir disso, conseguiram contagiar outras pessoas ao seu redor, trazendo para perto de si o cultivo da fé e as práticas do catolicismo popular. Apesar dessa versão descaracterizar o achado extraordinário do medalhão, a fonte do mito de origem da devoção é o achado miraculoso. Este elemento fundamental gerou a devoção ao Pai Eterno naquele local. O que fica evidente é a difícil tarefa de encontrar respaldo documental para uma das versões. A nosso ver, deve-se levar em consideração principalmente o mito de origem do medalhão, pois este aspecto é relevante e está inserido no conceito popular que move as massas e dá uma peculiaridade diferente ao imaginário religioso de Trindade até os dias de hoje.

A historiadora Maria Socorro de Deus na sua dissertação de mestrado intitulada “Romeiros de Goiás: A romaria de Trindade no século XX” (2000, p. 118), enfatiza que há tantas histórias que justificam o surgimento dos lugares sagrados, que cada grupo e cada povo tem uma “espécie de item indispensável ao ciclo vital do lugar, de seu mito de origem”. Não obstante, percebe fatos que não podem ser negados, um deles, segundo Jacob, é que “Trindade é uma cidade mística, ou no mínimo, ponto convergente da religiosidade goiana” (JACOB, 2010, p. 165).

De acordo com o antigo sacristão da capela, somente por volta de 1840 tornou-se público o medalhão, que de tão pequeno cabia na palma da mão. Possuía cerca de trinta e dois centímetros. Com a expansão da devoção e da crença no medalhão milagroso, surgiu a ideia de construir a primeira “casa de oração”. Inicialmente a construção deu-se sem grandes estruturas, de “folhas de burity” como telhado. Posteriormente, conseguiram construir outra capela “coberta de telhas”. Basicamente o intuito da construção foi reunir as famílias e rezar o terço diante da imagem.



*Imagem 1 - Medalhão de Barro da Santíssima Trindade.
disponível em: <http://paieterno.com.br/site/pai-eterno/devocao-pai-eterno/>.*

Naquele momento, a população que habitava as margens do córrego era ainda pequena. Foi aumentando gradualmente, principalmente pela importância da devoção ao medalhão. Miguel Archângelo Nogueira dos Santos analisa os documentos dos redentoristas alemães acerca destes inícios e menciona:

Algum proprietário faz doação de um pedaço de terreno a determinado santo e constrói uma capela. Em redor dela começam-se a construir casinhas, simples choupanas, porque em geral os primeiros habitantes constituem-se de gente pobre. Em seguida aparece uma pequena venda e surgem alguns comerciantes. Aumenta o número de habitações, algumas melhores, mas a maior parte bem modesta. E logo o político se interessa pelo lugar, instala-se uma autoridade, cuja tarefa principal é conquistar eleitores para o partido... (SANTOS, 1976, p. 53).

Em 1850, D. Ana Rosa e seu esposo Constantino Xavier e outros dois proprietários de terras doaram suas propriedades para o patrimônio religioso, onde viria a se desenvolver o povoado. Deste modo foi construído um Novo Santuário no Arraial do Barro Preto. O lugar fora assim denominado em 1854¹², nos livros de Registros da Paroquia de Campinas

¹² De acordo com análises o nome foi adotado em razão da característica da terra local, marcada pela cor escura, além, é claro, da influência do córrego Barro Preto, assim chamado porque suas margens tinham uma lama gosmenta e preta (REINATO, 2010 p. 06).

(SANTOS, 1976, p. 58). A capela também foi mencionada nessa data como Capela da SS. Trindade, no livro de batismos da Igreja de Campininhas das flores.

Aquela devoção só posteriormente foi chamada de festa da Trindade. Ela está ligada as graças obtidas pelos devotos e os milagres que foram se espalhando e sendo propagados pela Província de Goiás, dentre outras. Desta forma, a curiosidade, os lazeres, as oportunidades diversas, circunstâncias aliadas à fé, transformaram Barro Preto em um grande centro de romaria popular.

2.2 O Processo de romanização em Goiás

O catolicismo brasileiro herdou da cultura portuguesa a vida religiosa católica. Mas, de modo geral, os brasileiros têm uma facilidade de adaptar o que lhes é imposto. O “jeitinho brasileiro¹³” não deixou de fora a religião, influente naquilo que comumente chamamos de “religião popular”; O sociólogo Talles de Azevedo observou que:

a vida religiosa dos católicos brasileiros reduz-se ao culto dos santos, padroeiras das cidades ou freguesias, ou protetores das suas lavouras, de suas profissões ou de suas pessoas, – um culto em grande parte doméstico e que não se conforma muito estritamente com o calendário oficial da Igreja nem com as prescrições litúrgicas; esse culto traduz-se muito em novenas e orações recitadas e cantadas, em procissões e em romarias aos santuários em que se veneram as imagens mais populares ou têm sede algumas devoções favoritas do povo; manifestam-se também por meio de promessas propiciatórias, com oferendas materiais ou “Sacrifícios” aos santos para que atendam às suplicas dos seus devotos (AZEVEDO, 2002, p. 36)

Os atos de devoção apresentam quanto o catolicismo brasileiro é capaz de transformar, inventar e reinventar integrando as massas populares. O viajante português Oscar Leal, em uma das suas viagens às Terras Goyanas, descreve que em 29 de junho de 1890 saíra de *Pyrinópolis* para uma festa tão popular e tradicional quanto a de Moquém, que ele já havia passado. Esta era a romaria do Barro Preto. Impressionado com as centenas de barracas que haviam sido construídas para alugar - ressalta que estavam praticamente todas já alugadas antes do início da festa – foi difícil conseguir um lugar para hospedá-lo. Prossegue afirmando:

N’este dia, ante-véspera da famosa festa, já o pequeno arraial apresentava um aspecto soberbo, pelo movimento e animação que aumentava de hora a hora, com a chegada de centenas de romeiros, alguns dos quaes residiam a mais de cem léguas d’aquelle lugar. No domingo, porém tudo redobrou (LEAL, 1980, p. 148).

¹³ A expressão “jeitinho brasileiro” refere-se ao modo que o povo improvisa soluções para as situações problemáticas. , mesmo que religiosas (DAMATTA, 1987).

Admirado com a quantidade de pessoas de diferentes classes reunidas, ele calculou cerca de quinze mil pessoas. Haviam vindo de várias localidades. Ainda surpreso com a iniciativa dos cristãos de pagarem suas promessas, ele as classifica de modo eurocêntrico como “verdadeiros atos de fanatismo ou bestialismo”, pelo simples fato de apenas reunir tantas pessoas sem muitas atrações no local e sem representações públicas. O principal motivo era a adoração dos devotos.

As expressões religiosas coletivas permanecem entrelaçadas na cultura do povo goiano. O viajante constatou que em Goiás havia consecutivamente várias festas religiosas, durante o ano todo e por diversos motivos. Desta forma, compreendemos que a festa é uma forma de construir as relações do indivíduo com a sociedade e também para o reconhecimento do universo simbólico compartilhado. Conforme os dados dos religiosos redentoristas, que administravam aquela igreja:

A Festa do Divino Pai Eterno celebrada em Barro Preto, anualmente é celebrada no primeiro domingo de julho, e recebia cerca de 15 mil pessoas, contudo, aumentou a devoção, os fiéis vêm de várias regiões, de cavalos, bois e burros e mais parecia um acampamento militar, onde as pessoas se acampavam em pastos e bosques. Nos carros de bois nos quais viajavam com barracas construídas com folhas de Palmeiras especialmente para os dias da festa. Os negócios, jogos, apostas e brigas são quase a única ocupação da multidão, e raramente acontece alguns homicídios. Duas vezes por dia faz-se pregação com os sacramentos com palavra de Deus, celebra-se vários casamentos e batizados o qual recebem o sacramento da confirmação de dever notar-se, porém semi-índios que dão grande valor aos sacramentos e trazem as crianças para receber (ANUAS, 1992, p. 19).

Trata-se de característica da festa de Trindade, relatada por um padre, que reforça a ação da igreja. O autor continua:

No Brasil o termo “festas” não pode ser tomado no sentido litúrgico, pois, são mais populares do que eclesiais. A maior parte consta de jogos e espetáculos para recreação e lazer do povo. (Embora tenha o nome dos mistérios da fé) as festas nunca são celebradas no calendário Eclesiástico. Em todas as festas quase ninguém recebe o sacramento (ANUAS, 1992, p. 20).

A descrição do autor redentorista nos remete a afirmação de Brandão (1989), quando diz que a festa é uma viagem: vai-se a ela e ali transita-se entre lugares. Por isso, possibilita as pessoas e os lugares da própria festa simbolicamente reescrever vivências distintas e redefinir de diversas maneiras o que é aquela reunião de tanta gente. O sentimento devocional, da relação com o divino, apresenta um conjunto de situações consideradas essencialmente religiosas e, no entanto, que são marcadas pelas diversões e comemorações festivas, que o sacerdote despreza como religiosas. O significado das comemorações está imerso em todo um universo ideológico católico e brasileiro com significados em disputa.

O padre catarinense Eduardo Duarte e Silva foi nomeado bispo para a Diocese de Goiás em 27 de janeiro de 1891, na cidade de Roma. Após sua posse, publicou ainda em Roma para os fiéis de Goiás suas “saudações”, além de preveni-los “acerca das doutrinas ‘modernas’ que surgiram em seu tempo” (SILVA, 2007, p. 17). Com a Proclamação da República e as divergências que prevaleciam entre a igreja e o Estado brasileiro o levavam a perceber a necessidade de mudanças e de adequações na atuação eclesiástica.

Em grande comitiva, mais de um ano após sua ordenação, seguiu da cidade de Goiás em direção a Barro Preto. Foi bem recebido pela comunidade. As pessoas o saudavam com dois arcos de triunfo e cortejos. Era o período festivo. O bispo tinha certa hostilidade com a romaria de Barro Preto no primeiro momento, não dando muito crédito¹⁴ àquela manifestação pelo estilo antigo e colonial que possuía, por venerarem pequenas imagens representando a Santíssima Trindade no ato de coroar no céu a Virgem, além da população de modo confuso denominar de “Divino Pai Eterno”. Ele achava que o arraial era insignificante e só ficara famoso por causa da simplicidade do povo e pelos relatos de alguns milagres. Não havia ali uma verdadeira devoção a Deus. Logo depois percebeu que a festa movimentava, por poucos dias, muitos negociantes e habitantes de todo Estado de Goiás. Buscou, então, por padres missionários que pudessem acompanhar a festa e cristianizá-las nos moldes da igreja.

A implantação do catolicismo romanizado não era uma tarefa fácil, sobretudo, porque não havia entusiasmo popular com bispos como ele ultramontanos¹⁵. e eram constantes os conflitos especialmente com os leigos que estavam ligados as irmandades¹⁶, que tradicionalmente geriam as festas religiosas.

Com objetivo de reformar o catolicismo e uniformizar a Igreja, superando os problemas trazidos pelo regime de Padroado do Brasil, esta disputa tornava-se uma questão de sobrevivência material para o clero. O processo de “romanização” realizou uma oposição às práticas tradicionais do catolicismo implantado no Brasil e cultivado pelo povo. A nova forma de organizar a igreja aumentava o alcance das decisões romanas. A questão ideológica da romanização era uma tentativa de inserir o Brasil nos modos europeus.

A manifestação da identidade religiosa goiana era de caráter “laica” para a proposta de reforma do catolicismo e não poderia continuar assim. Entretanto, não carecia o padre (bispo)

¹⁴ As romarias travaram intensos conflitos nas gestões episcopais, por conter aspectos da antiga religião tradicional, que precisava ser combatida por conter seu caráter extremamente popular e não ortodoxo.

¹⁵ Tentativa de mudanças nas questões religiosas imposta por Roma Para combater temas polêmicos como panteísmo, naturalismo, o racionalismo, bem como socialismo, o indiferentismo e a intolerância aos assuntos polêmicos questionadas a respeito do poder institucional da Igreja pelos iluministas. (DEUS, 2000, p. 19).

¹⁶ Comissão composta de três indivíduos, que eram pobres e tornaram-se ricos fazendeiros, donos de imensas terras e de gado abundantes, conseqüentemente, ressaltou D. Eduardo: “Irmãos de mesa, irmão do cobre é o que eles eram!” (SILVA, 2007, p. 86).

ser o julgador dessas chamadas “extravagâncias”. Pois o contentamento da igreja era lutar contra os festejos que pareciam impedir de serem enquadrar novas reformas e modificassem a religiosidade.

D. Claudio Ponce de Leon (1881-1890) foi o iniciador do processo romanizador¹⁷ em Goiás. Uma medida tomada foi de mandar bons padres e formá-los em um seminário bem controlado. Neste período o regalismo¹⁸ permanecia presente no Brasil, mas a religião não era prioridade dos projetos do governo imperial.

A chegada dos padres estrangeiros, os dominicanos franceses, é outra amostra dos fundamentos dos esforços para a romanização do catolicismo feitos por Dom Cláudio. Na verdade, o povo sertanejo era descrito nos documentos deste clero como atrasado, permeado de muita pobreza, falta de instrução e acima de tudo, preguiçoso. Portanto, não lhes restavam outras opções do que enviar-lhes bons padres e sacerdotes estrangeiros. Na ótica dos bispos romanizadores:

Para uma população carente de meios de informação, era através dos padres que se recebiam conselhos e novidades, mediante, uma doutrina de interesses ideológicos para o momento. Canalizar a vida do povo, tanto espiritual quanto religiosa, era a vida mais simples e direta para a propagação do novo catolicismo no Brasil (DEUS, 2000, p. 21).

Na tentativa de tomar medidas reformadoras para a igreja e com a chegada dos redentoristas da Alemanha, trazidos por Dom Eduardo, as novas medidas administrativas foram impostas. Aumentaram, assim, os conflitos que aguçaram a indignação das irmandades leigas que administravam a igreja do Barro Preto.

Neste contexto, compreende-se que os instrumentos de manipulação do sagrado sustentam-se para garantir a ordem e as relações de poder que garantem o domínio religioso, o privilégio e direito exclusivo do sagrado. Portanto, diante das dificuldades, D. Eduardo precisava tomar ações que melhorariam sua administração eclesiástica. Dentre elas foram: apropriar e controlar as grandes romarias (Barro Preto e Moqué); substituir as irmandades pelo domínio sacerdotal nas festividades de demais atividades religiosas; a moralização e formação do clero. Para atingir esses objetivos, ele se voltou para Roma com intenção de buscar auxílio e responder às demandas da região. Foi estabelecido através de correspondência dos Alemães, nos fins 1894, que os missionários redentoristas se

¹⁷ O apogeu da “romanização” fora nos bispados de Dom Cláudio José Gonçalves Ponce de Leão (1881-1890) e, especialmente, no de Dom Eduardo Duarte e Silva (1891-1907).

¹⁸ Regalismo é a doutrina em que os monarcas contraíam nas questões religiosas poder decisório e havia amplo intervenção do estado no âmbito eclesiástico.

estabeleceriam em Campininhas das Flores e que fundassem uma casa para administrar a Devoção ao Pai Eterno no povoado do Barro Preto.

Para Deus (2000), a finalidade principal dos redentoristas era cristianizar a romaria. Segundo Gomes Filho (2009), a Ordem Redentorista teve sua chegada ao Brasil por apelo do bispo para ajudar exatamente no controle das romarias de Goiás (Pai Eterno) e de São Paulo (Nossa Senhora Aparecida). Na prática, serviu para consolidar a implantação da reforma católica, iniciada pelos bispos reformadores no período imperial:

A vinda da Ordem Redentorista ao Brasil se deu especialmente por conta das romarias populares, de forma muito particular as romarias de Nossa Senhora Aparecida, em São Paulo, e Divino Pai Eterno, em Goiás. A missão redentorista objetivava, portanto, controlar o catolicismo popular presente nas romarias e desta forma, conseguir a fidelidade dos romeiros católicos às doutrinas oficiais romanas. Este fim só poderia ser alcançado por meio da catequese, pregação, jornais e as tão famosas desobrigas. De acordo com as crônicas redentoristas (GOMES FILHO, 2009, p. 63-64).

Com a chegada dos missionários redentoristas no Brasil, começaram a adentrar o território brasileiro, para chegar na missão do Pai Eterno. As complicações da jornada empreendida pelo grupo da Ordem Redentorista já principiavam desde sua partida de São Paulo ao interior de Goiás. A viagem durava em média trinta dias, passaram pelo que jamais imaginaram e conheciam das suas experiências nas missões realizadas na Europa. Assim, as condições da viagem eram precárias e os desconfortos dos sertões eram fortes, principalmente causados pela fome e pela longa viagem. As acomodações eram, muitas vezes, em cima dos arreios, em cima do paiol ou em ranchos abertos na beira da estrada, com a presença de insetos ignotos, carrapatos e muriçocas (JACOB, 2000, p. 155).

Ao chegarem em Campinas das Flores, os missionários foram conhecer a sua nova moradia. Ficaram surpreendidos com a estrutura física da casa. Descreveram-na como uma miserável casa de pau-a-pique com cinco cômodos pequenos, de chão batido e de formas irregulares. Os missionários tinham saído de uma civilização culta e evoluída; ficaram impressionados com os hábitos dos sertanejos e com os modos em que viviam. Tanta miséria seria um empecilho para os missionários cumprirem suas funções sacerdotais no interior do Brasil? O escritor Jacob (2010, p. 158) diz que perante a má sorte e a pobreza os missionários fizeram de tudo para adaptar-se à vida da gente sertaneja, alegrando-se com a miséria e buscaram melhorar sua comunidade, investindo e trabalhando para fazê-la prosperar.

Os missionários redentoristas só foram no Santuário de Trindade em Barro Preto, oficialmente, cinco meses após sua chegada em Campinas das Flores, no dia 29 de maio de 1895. Um dos fatores apresentados por Jacob (2010) seria as duras verdades ouvidas pelo ex-

pároco da igreja, o senhor Monsenhor Sousa, sobre o povo goiano. Ele o julgava como sem caráter e reclamava da dureza do trabalho. Pelos inconvenientes já ocorridos pelo Bispo Dom Eduardo com os “donos do Santuário e do cofre” o conflito estava acentuado. Provavelmente o povo rejeitaria os padres no santuário¹⁹.

Aconteceram diversas desordens, pois aquele povo era desordeiro, cheio de ganância e inveja pelas rendas da festa, diz o Pe. Lourenço Hubbauer. Este se opôs e teve atitude idêntica à do próprio bispo. Ele, mesmo recém-chegado em Campinas, censurava e pregava sermões contra a atitude arrogante daqueles homens (ANUAS, 1992, p. 68).

Apesar da desagradável resistência do povo na festa daquele primeiro ano na presença do clero alemão, eles distribuíram seiscentas comunhões, fizeram trinta casamentos e oitenta batizados. A população estava perplexa com tudo, principalmente com as inovações trazidas diferentes do que era conhecido pelos devotos. Os missionários expuseram assim as primeiras impressões sobre a festa:

“A linda imagem venerada neste Santuário é pequena e representa a coroação de Maria Santíssima pelas 3 pessoas da Santíssima Trindade. A veneração do povo, porém, dirige-se não propriamente a Mãe de Deus, mas ao “Divino Pai Eterno”, invocação título talvez único no mundo. Ai neste Santuário tudo é original e a devoção dos fiéis manifesta-se de maneira mais variada e curiosa: pode observar que as vezes, se juntam 8 a 10 grupos de romeiros em pontos diferentes, para ali rezarem e cantarem, sem que um grupo desse atenção ao outro. Não é raro que algum romeiro, que fora salvo de um perigo ou desastre pela invocação do Divino Pai Eterno, repete ao vivo a cena, tal e qual se deu com ele, por exemplo o ataque de uma onça, a ameaça de ser esmagado debaixo das rodas dum carro de boi etc. Assim querem demonstrar publicamente sua gratidão pela graça recebida do céu.

Como é tempo de seca, as estradas estão cobertas de pó e este, além de ser molesto, provoca muita sede. Então pode ser ver entre os romeiros, pessoas que, em virtude de promessa, carregam na cabeça um atalha coma água; quando alguém dá sinal que deseja beber, ajoelham-se para assim facilitar tirar água. Uma cena comovente de praticar caridade.

Uma vez encerrada oficialmente a festa com a benção da despedida, começa um movimento interessantíssimo. Centenas de Carros de bois, cada um puxado por 16 a 24 animais, procuram uma saída; no meio de uma intensidade de tropas de burros e milhares de pessoas de cavalo, tudo envolto em densas nuvens de pó. Quem vê isto pela primeira vez, pode ter a sensação de angústia, mas para estes romeiros, quase todos simples, acostumados à vida do sertão, é uma coisa natural, que faz parte da festa e esta não seria legítima se não fosse assim” (Pe. WAND, Costumes e riquezas de Goiás, inédito, Apud JACOB, 2000 p. 87 e 88).

Os missionários eram homens com muita sabedoria. Eram quase estoicos e estavam dispostos a cumprirem sua missão, apesar de alguns aspectos causarem-lhes bastante

¹⁹ Alguns autores dizem que a inserção dos missionários fora sofrida e dolorosa. O clero só se implantou na romaria mais de meio século após seu surgimento. Pelo fato do clero não estar presente no desenvolvimento do santuário, ele passou a ter “donos” que não tinham formações teológicas para tais fins.

estranheza. As primeiras impressões dos missionários foram semelhantes às percebidas pelo bispo Dom Eduardo. Uma delas foi na veneração da imagem que concebe a coração de Maria Santíssima pelas três pessoas da Santíssima Trindade. Todavia, a devoção não se constituía em torno da Santíssima Trindade e, sim, em torno de Deus, ou um Deus uno e todo poderoso chamado de “Pai Eterno”. Na escrita de Pe. Wand, ele diz ser a “invocação título talvez única no mundo”. Então, ele supõe a raridade da devoção., No Brasil, realmente ela é um dos escassos centros religiosos dedicados diretamente a pessoa de Deus Pai. A especificidade pode ser compreendida por meio de uma tabela, elaborada por Quadros (2016, p. 77), acerca dos órgãos principais nas paróquias brasileiras da época:

ORGÃOS PRINCIPAIS DAS PARÓQUIAS BRASILEIRAS

<i>TÍTULOS</i>	<i>NÚMERO</i>	<i>%</i>
TRINDADE E ESPÍRITO SANTO	28	02,17
CRISTO	93	07,21
MARIA	599	46,43
SANTOS	427	33,10
SANTAS	125	09,69
SEM INDICAÇÕES	18	01,40
TOTAL GERAL	1290	100,00

Fonte: Quadros (2016, p.77)

A apreciação dessa tabela pode ser considerada também pela compreensão de Carlos Rodrigues Brandão. No livro “A cultura na Rua”, o autor constata que “ Fora a exceção de Trindade, em Goiás, não conheço cortejos e, menos ainda, procissões ou romarias a Ele” (1989, p. 26). Logo, ele compara Deus como um ser único e de crença sem o culto. O esclarecimento que se dá a este fato é que existe no catolicismo um antagonismo entre a pessoa de Deus-Pai e a pessoa de Deus-Filho. O Pai não tem nome nem uma genealogia ou alguma procedência da sua origem. E na Trindade ele é absolutamente o ser soberano e supremo usa o lugar do “pai”. Dessa maneira, podemos inserir a devoção ao Pai Eterno nos 02,17% da Trindade.

A cautela de D. Eduardo em atender os padres redentoristas que se queixavam de não conseguir realizar suas atividades na igreja foi acentuada pela desordem local. Em um decreto, o bispo resolveu alterar a data da festa para o dia 15 de agosto²⁰. A modificação da

²⁰ A alteração da data foi uma estratégia de D. Eduardo com a finalidade de dispersar o povo para lugares diferentes nas mesmas datas- Moquém e Corumbá (Silva, 2007 p. 158).

data incomodou a irmandade, especialmente um membro, o coronel Anacleto, que em seguida planejou uma cilada para o bispo. Esse episódio, que poderia ter custado a vida de D. Eduardo, foi qualificado por ele em suas memórias de emboscada. A autoridade local estava nas mãos dos partidários do coronel Anacleto, não tendo até então grandes contestações. Posteriormente, em um dos diálogos do coronel Anacleto com o bispo D. Eduardo, percebe-se a não aceitação do processo de romanização. Descreve o bispo que ele teria dito: “Sou coronel Anacleto, católico e apostólico, mas não romano”. T tamanha era a ausência de conhecimento do coronel, que foi em vão tentar convence-lo que ele estava laborando em erros, diz a eminência episcopal (SILVA. 2007, p. 162).

No aspecto sociológico deste conflito, podemos aprender com Pierre Bourdieu. O pensador destaca o caráter conflitivo entre os agentes religiosos leigos e as instituições, afim de defender os interesses econômicos e o poder institucional. A análise da briga do bispo pode ser chamada de uma busca da *manipulação do sagrado*. O campo religioso, em suas relações sociais, contribui para legitimação da ordem política vigente. Portanto, Bourdieu entende que nas relações de poder, legitima-se os interesses da instituição (Igreja) e os agentes religiosos (irmandades) buscam garantir algum prestígio, buscando defender principalmente interesses e seus “direitos” de também manipular “os bens de salvação”. Ora,

Os interesses religiosos daqueles que o produzem, que o difundem e que o recebem [...] chega a construir o sistema de crenças e práticas religiosas como a expressão mais ou menos transfigurada das estratégias dos diferentes grupos de especialistas em competição pelo monopólio dos bens de salvação e das diferentes classes interessadas por seus serviços. (BOURDIEU, 2007, p. 33)

A atuação dos redentoristas no estado foi de fundamental importância para a tomada e manutenção do poder institucional católico, dando outras ênfases na romaria. Tais adequações só foram concretizadas com estabelecimento das missões populares e o uso do *jornal Santuário de Trindade*, que contribuiu para a condução do catolicismo e para a divulgação da devoção ao Divino Pai Eterno, mas também combatia a influência de religiosidades não católicas.

Sendo assim, ao analisarmos os primórdios da romaria e sua repercussão ao longo dos primeiros anos de existência, percebemos que ela teve um progresso que só ganharia com a crescente devoção do povo. No início, a legitimação da administração por parte dos leigos (irmandades) deu-se por obra deles, ao lado da carecia na região de igrejas e, principalmente, de sacerdotes. O Processo de institucionalização da festa foi a maneira que a igreja encontrou para se reestabelecer diante da comunidade, manter-se viva. Uma vez que ela não poderia combater-la ou detê-la, preferiu unir-se e adaptar-se. Atuando conforme o mecanismo apontado por Bourdieu de busca de manipulação do sagrado e controle sobre.

2.3 Os novos santuários

“A igreja era a maior e mais bela de Goiás!”. Esta citação foi feita por um padre missionário nas Anuas do ano de 1901. Diz a respeito a mais importante Igreja Paroquial do estado de Goiás, a do Barro Preto, futura Trindade. Este foi exatamente o ano do início da construção da nova Igreja paroquial que homenageava a Santíssima Trindade. A edificação da Igreja estava prevista para durar mais de cem anos conforme análise dos “entendidos”²¹ da época (ANUAS, 1992, p. 68). A construção causou entusiasmo por parte dos padres missionários e também dos devotos ao Pai Eterno. A sua arquitetura e estética continha inovações interessantes na categoria de igrejas no Brasil. Conforme a descrição do sacerdote:

A igreja mede 52 metros de comprimento e 16 metros de largura, sendo 8 metros de nave central. A altura das colunas do centro: 8 metros; as laterais: 6 metros. Elas se sucedem de 5 em 5 metros, e entre elas uma janela ou porta. Tem, fora da porta principal de duas folhas, mais 5 portas laterais; duas torres de 16 metros de altura com a cruz; a altura da madeira não dava mais. As janelas eram novidades nessa classe de igrejas no Brasil, que são escuras. Vidros não se conhece, raramente, assim são abertas, evitando assim a corrente de ar. Ela é a maior e mais bela de Goiás! (ANUAS, 1992, p. 68).

O que podemos ver na figura abaixo:



Imagem 2 - Igreja Paroquial construída em 1901.
Disponível em: <http://diariodetrindade.com> acesso em: 19 de julho de 2017.

²¹ Nesse período não havia profissionais com títulos de engenheiros, então, as pessoas que realizavam as construções eram chamados de “entendidos” por ter experiência na prática de construções.

A imagem nos leva a pensar o quanto precisaram de reflexões, planos e paciência na obra de construção da igreja. A construção só foi terminada e inaugurada em 1912²². Apesar das discordâncias e desordem provocadas pelos baderneiros da época, a construção da igreja foi bem-sucedida. E ainda surpresas aconteceram. Por exemplo, o senhor Anacleto que provocava brigas por causa do cofre da igreja, confessou-se e comungou pela primeira vez de sua vida!

O tempo nunca parou de aumentar. Para atender a demanda social do povo goiano, o bispo de Goiás Dom Emanuel Gomes de Oliveira apresentou o projeto de um novo Santuário no ano de 1940. Deste modo, ele foi apresentado ao público e escolheram o lugar da sua construção, que seria no morro Cruz das Almas. A congregação redentorista teve de enfrentar alguns obstáculos na aceitação e execução de seu projeto. O primeiro entrave foi pegar anuência do arcebispo de Goiás. Para esse trabalho foi nomeado o Pe. Alexandre Miné. O segundo entrave seria o que eles jamais esperavam, o desinteresse da população de Trindade, que não queria outra igreja. Tanta exuberância projetada para o Novo Santuário seria o motivo da desmotivação da população para a construção? Naquele momento, o novo Santuário ficava fora da área povoada da cidade! Mesmo assim, deram início a construção e os alicerces foram levantados. Segundo Jacob “era um ‘templo magnífico’ com imensa cúpula e duas altas torres que, segundo consta, teriam revestimento de cristal na parte superior” (2010, p. 336).

Com a construção do Novo Santuário, teria de ocorrer, obviamente, a transferência do “achado milagroso” para o templo. Um dos pontos a ser levantados é: será que a construção de um novo Santuário alterava a mentalidade do povo e a sua devoção? Ao nosso ver, a transferência do lugar era mais uma maneira de controle pelo distanciamento entre a cidade e o novo Santuário. Mas é claro que só que esse fator não entrava nas ideias da população naquele momento. De acordo com Jacob (2010, p. 337), ainda nos dias de hoje muitos se posicionam contrários a esta ideia do novo lugar. Diante da resistência do povo, o bispo Dom Emanuel colocou a “pedra fundamental” do Novo Santuário, no que seria o lugar do achado milagroso. Outro ponto interessantíssimo a ser observado, é que mesmo após séculos de devoção ao Pai Eterno em Trindade, e da construção de novos santuários, isso não levou o povo das romarias a mudar o local de chegada na igreja paroquial ou a chamada “igreja velha”, como é conhecida pelos devotos. Após tantos anos, ela não perdeu seu crédito de ser a Igreja “mais Bela do Estado de Goiás” para quem é devoto do Pai Eterno.

A ausência de interesse da população durou certo tempo e as obras não passaram dos alicerces. Nesse meio tempo, uma nova Arquidiocese de Goiânia foi autorizada pelo Papa Pio XII, com a Bula “*Sma. Cristi Voluntas*”, datada em 26 de março de 1956. Dom Fernando Gomes dos Santos, o novo Bispo nomeado, tomou posse e assumiu a Arquidiocese de Goiânia em 1957. Com

²²A igreja atualmente contém as mesmas especificações, entretanto passou por algumas reformas durante os mais de cento e cinco anos de construção.

seu estilo dinâmico, destemido e determinado faz grandiosas aquisições para a Igreja²³. No mesmo ano em que assumiu a arquidiocese, Dom Fernando prontificou-se em dar sequência ao projeto do Novo Santuário, que afinal não havia passado do papel e ficara nos alicerces.

Contratou-se, então, um novo engenheiro²⁴ para continuar as obras do projeto. Na verdade, o projeto original teve bastantes alterações. Porque era considerado arrojado demais para a pobreza do lugar. As mudanças que aconteceram foi após intensas reflexões de Dom Fernando, movidas pelo desejo dos movimentos populares, que “desprezavam projetos arrojados para construírem barracões”. O Novo Santuário-barracão tinha formato de cruz, que significava “uma opção pelos mais pobres”. (JACOB, 2010, p. 340)

Em 1974, já era possível os devotos do Pai Eterno visitarem o novo Santuário. Entretanto só visitava aquele templo durante o período da festa do Divino Pai Eterno, pois ainda estava inacabado e com aspectos desconfortantes. Geralmente se fazia uma faxina para receber o povo, somente durante a festa. O restante do tempo, permanecia desprezado e cheio de matagal em sua volta. Paralelamente, a Romaria também se projetou no cenário goiano, atraindo a cada ano mais devotos. O Novo Santuário era assim nos finais dos anos sessenta ou meados dos anos setenta:



Imagem 3 - Novo Santuário de Trindade.

Disponível no Museu Virtual de Trindade, (www.trindadetur.com.br), acesso em 29 de julho de 2017.

²³ D. Fernando Gomes dos Santos, era natural de Patos, no estado da Paraíba, onde estudou no Seminário e concluiu seus estudos em Roma. Ele muito jovem foi nomeado Bispo de Penedo em 1943. Durante seu bispado em Goiânia ele empreendeu e fez aquisições locais, proporcionando os instrumentos para evangelização da sociedade. Fundou a Universidade Católica de Goiás e a Rádio Difusora, hoje pertence a Congregação Redentorista. Além de criar várias paróquias, construiu novos seminários e incentivou os movimentos das CEBs – Comunidades Eclesiais de Base, dentre outras obras não cotadas aqui.

²⁴ O Arquiteto e engenheiro italiano, Dr. Marinoni “vai iniciar as obras do Santuário do Divino Padre Eterno com responsabilidade dos trabalhos de levantamento de plantas, cálculo, construção e etc” (JACOB, 2010, p. 338-9).

A falta de recursos para terminar a construção era um dos aspectos que preocupava o arcebispo D. Fernando. Uma das medidas tomadas por ele e aceita pela sociedade em geral, foi deixar a imagem milagrosa alguns meses fora de Trindade, visitando outras paróquias, o que, por outro lado, divulgava a devoção. Se esperava um retorno desta ação na atração de mais pessoas durante a festa. O uso da Rádio Difusora foi outro meio para divulgar a festa do Pai Eterno, iniciativa para arrecadar fundos e investir na construção do grande santuário. O progresso da romaria já abrangia todo o país.

O novo Santuário recebeu a visita do Papa João Paulo II, em 1991, durante o episcopado seguinte, o de D. Antônio Ribeiro de Oliveira²⁵. Depois, em 1994, o Pe. Fábio Bento da Costa, redentorista e filho da casa de Trindade, promoveu uma reforma significativa que elevou o templo. Após um levantamento das imperfeições da construção e as alterações necessárias, a reforma demorou seis anos para ser concluída. Tornou-se um templo digno de orgulho e de admiração no alto do monte, um cartão de visita para os Devotos do Pai Eterno.



Imagem 4 - Foto da Basílica de Trindade depois da reforma.

Fonte: Arquivos dos Redentoristas

Segundo Jacob, o Pe. André²⁶ foi um dos maiores empreendedores da reforma, dando as características básicas do Novo Santuário. “Era na realidade, fazer tudo novamente,

²⁵ Após a morte de Dom Fernando, Dom Antônio Ribeiro de Oliveira assume o cargo de Arcebispo Metropolitano da Arquidiocese de Goiânia em 1985.

²⁶ De acordo com Paulo Afonso Tavares, “em 1984, chegou da Província Redentorista de São Paulo o padre Vicente André de Oliveira, para trabalhar na Matriz de Campininhas. Depois de ficar quatro anos em Campinas e seis anos em Brasília, foi transferido para Trindade, em 1994” (2017, p. 82).

aproveitando tão somente a casca” (2010, p. 344). Para isso, enfrentou vários obstáculos, o que justifica a demora. As reformas da Igreja deram vida aos vitrais que foram coloridos intensamente e circundam as naves do Santuário. Estes narram visualmente as histórias de salvação, alguns milagres famosos e relacionam os festejos do Pai Eterno com os milagres populares. Em 04 de abril de 2006, o Novo Santuário recebeu o título de Basílica pelo Papa Bento XVI. O Santuário-Basílica atualmente como demonstra a imagem abaixo, já havendo o projeto para uma nova construção:

2.4 Dos milagres aos vitrais do Santuário-Basílica

Dos milagres ocorridos em meados do século XIX, início da devoção ao Pai Eterno em Goiás, pouco se têm registrado em documentos. Na *Coletânea de tudo que foi possível encontrar da tradicional festa de Trindade*, pertencente ao arquivo da Congregação redentorista, se diz que “A notícia dos milagres correu mundo” (1973 p. 03). Mas que milagres seriam estes? Será que houve a cura de uma criança no início ou de alguém idoso? Estes fatos iniciais se perderam. Segundo Santos (1976), existe o milagre da onça e o do negro liberto das correntes ao mencionar a devoção ao Pai Eterno, mas não existe uma data específica destes fatos ocorridos e testemunhados pelos ex-votos. O quadro da onça e as correntes do negro estão expostos na sala de milagres. Todavia, não se pode afirmar a veracidade e se remete aos mesmos milagres.

Na sala de milagres do Santuário-Basílica existem muitas peças, fotografias e objetos expostos²⁷, que deram testemunhos das “graças” recebidas por inúmeras pessoas. A partir da reprodução expressa – ou do “boca a boca” – as narrativas dos devotos foram difundidas. Esse foi o principal meio de expansão da devoção ao Pai Eterno, a comunicação dos milagres. Quando ocorreu a cristianização da romaria, alguns destes objetos se conservaram e demonstram de algum modo os sentimentos das pessoas da época, hoje expostos nos vitrais do Santuário-Basílica.

De acordo com Melo, a devoção deu-se com a justificativa dos milagres obtidos pelos primeiros devotos, e o relacionamento com o sagrado decorre das questões do dia-a-dia, onde o Pai Eterno está presente no cotidiano. São principalmente questões relacionadas às realidades locais. Logo, o que fundamenta esta visão é que as expressões votivas dos milagres do início do século XX, “era de uma sociedade que viviam constantemente com as mazelas do corpo” (MELO, 2016, p. 236).

²⁷ As salas de milagres fazem parte dos Santuários do Brasil. É um espaço destinado aos devotos para depositarem fotos, bilhetes, cartas, quadros, partes do corpo feitos em cera, como agradecimentos e pagamentos de promessas.

Para Sant'Anna de Moraes, “a assistência médica mostrava um número insuficiente de profissionais, marcada, pela fragilidade da medicina” (MORAES, 2012. p. 128). Por outro lado, esse fator não era o principal em uma sociedade marcada pela pobreza, mas pela carência de alimentos e a falta de higiene básica na sociedade. Logo, as principais vítimas de doenças eram crianças e idosos, que tinha, baixa imunidade. Não restando opções, recorriam as práticas chamadas de *medicina popular*. Iam até os boticários (farmacêuticos), ou até mesmo faziam simpatias, magias, consultavam raizeiros, benzedores. Percebendo a inexistência de recursos, recorrem ao sobrenatural, forma de reforçar a solução de suas carências. Dona Benedita Martins de Oliveira, expõe um depoimento no *caderno de milagres* do ano de 1914, com seguinte fato:

Meu filhinho, de um ano de idade, soffreu dôres atrozes no nariz e não houve meio de amenizá-las. Na minha aflição tão grande me lembrei de fazer um voto ao Divino Pai Eterno. Depois de feita a promessa, no outro dia seguinte saiu um verme do nariz do filhinho e desapareceu a dôr.
Muito satisfeita vim cumpri a promessa.
Benedita Martins de Oliveira. (*Apud* MELO, 2016, p. 238)

Dentre outras situações, o bispo Dom Eduardo sempre parecia estar “enganado” com a devoção ao Pai Eterno. Ele pensava na atribuição dos milagres pela inocência do povo. Ele não deixava de mencionar, com aspectos ríspidos, a simplicidade dos devotos quando iam pagar as suas promessas. As promessas eram (são) feitas para obterem de Deus coisas até contra a moral cristã, alerta: vinganças, casamentos, separações de casais, e adultérios:

Em sinal de agradecimento fazem longas jornadas, as vezes a pé, e lá vão pendurarem nas paredes da igreja quadros representando ao vivo os milagres feitos, facas, pistolas e membros do corpo feitos de cera virgem, até mesmo os genitais.
Há quem prometa exhibir ao público as partes do corpo, até mesmo as pudendas, em que tiveram qualquer doença, e essa exibição, que chama logo a atenção dos romeiros, chamam um “milagre” (SILVA, 2007, p. 165).

E ainda completa com certa indelicadeza: “Quanta indecência! Quanta ignorância”! (SILVA, 2007, p. 165).

A forma com que os romeiros manifestam sua devoção é bastante intrigante. Um exemplo seria o percurso percorrido com as longas jornadas, também conhecido como romarias e peregrinações. As romarias vão ao encontro da casa de Deus para pagar promessas e realizar agradecimentos as graças alcançadas. Porém, apesar da expressão ser diferente da religião erudita, não pode ser classificada de ignorante. A falta de conhecimento ou valorizar o que vem do “popular” é apenas uma expressão diferente, uma outra lógica que Dom Eduardo chama de “extravagante”.

No interior do Brasil é comum as pessoas viverem mais isoladas nas fazendas e quando estão próximos à colheita vão festejar e comemorar. Mas acima de tudo, não se pode deixar de agradecer “ao Pai” pela graça das boas colheitas. Esta é a forma que os sertanejos encontraram para adorar, manter sua fé e agradecer. Por isso, são tão importantes os ex-votos. Para Oliveira,

O conceito de *ex-votivo* refere-se a apenas ao ato voltado para o *ex-voto*. Então, a desobriga é o ato de depositar o ex-voto em uma sala de milagres. E, dessa forma, fica esclarecido que, se um romeiro for à igreja vestindo uma bata, está cumprindo um *voto*. Porém. Se ele, além disso, retira a bata para depositá-la em alguma parte da igreja ou na possível sala dos milagres do templo, estará cumprindo uma *ação ex-votiva* (OLIVEIRA, 2016, p. 203).

Segundo a explicação de Oliveira (2016), no ato de desobriga, a maneira encontrada pelo devoto de demonstrar a graça recebida é expor a Deus que pagou a promessa e ainda deixar indícios do fato para outras pessoas. Pode ser uma cruz, vestidos, fotografias, chapéus, reproduções de pinturas e esculturas, partes do corpo feitas de cera, etc... Mas vale lembrar que, os objetos que não ganham conotação de promessas, pois os ex-votos serão considerados como tais quando depositado na sala de milagres. Assim eles demonstram a fé, a crença, procura da comunicação do fiel com Pai Eterno. A romaria é outra forma de comunicação e de testemunho.

3- O CAMINHO PARA CHEGAR MAIS PERTO DE DEUS

Busca-se neste capítulo mapear e descrever a cultura religiosa de Quirinópolis por meio de pesquisa de campo, desenvolvida em um projeto que vem sendo analisado desde 2014. O nosso foco foi os romeiros da cidade. Embora pretenda fazer uma descrição da romaria, da tradição e da cultura do povo quirinópolis, a pesquisa procura principalmente dar a conhecer as razões e os sentidos pelos quais homens e mulheres colocam-se num logo caminho, que lhes parece como uma obrigação a cumprir. Ao evidenciar a romaria do Divino Pai Eterno que parte de Quirinópolis até a cidade Trindade-Go, buscamos identificar os devotos ao Divino Pai Eterno em Quirinópolis, que sustentam a tradição da romaria desde a década de oitenta, com suas famílias.

Trata-se de uma jornada que os retira de um ambiente social e os segrega pelo mergulhar na continuidade de uma tradição devota por um período de sete dias e sete noites. A romaria precisa ser repetida todos os anos, pois é um meio pelo qual se torna possível entrar em contato com os sentidos simbólicos fundamentais da cultura, em que se inscreve esta experiência humana e religiosa. A partir dessa experiência, enfocamos os devotos e suas promessas enquanto elementos centrais não apenas no contexto do santuário do Divino Pai Eterno, mas também na cidade de Quirinópolis, o local de vida dos romeiros.

Para abordar a romaria do Divino Pai Eterno, faz-se necessário compreender as mudanças e as relações de compromisso ocorridas no decorrer dos anos. Diferente de outras práticas religiosas que demonstram enraizar e enrijecer suas tradições, a romaria permanece em constante movimento, continua em crescimento e está em constante adaptação.

Usaremos a metodologia da “descrição densa” de Geertz, apresentada no livro *Interpretação da cultura* (2008). Desse modo, tomo a romaria enquanto um ritual que se desdobra no espaço como uma forma de apropriação dos sentidos, símbolos e crenças que compõem o universo religioso do catolicismo popular tradicional. Mas, para melhor entendimento, ao longo do capítulo desmembro os fatos que intitularemos de *ritos de passagem do romeiro*. Os rituais são a *Saída de Quirinópolis rumo a Trindade. A caminhada. A entrada na cidade de Trindade e o Beijamento da fita*. Estes momentos são de extrema importância para o romeiro.

3.1 O lugar da origem



Imagem 5 - Mapa do Sul de Goiás.

Fonte: Google maps.

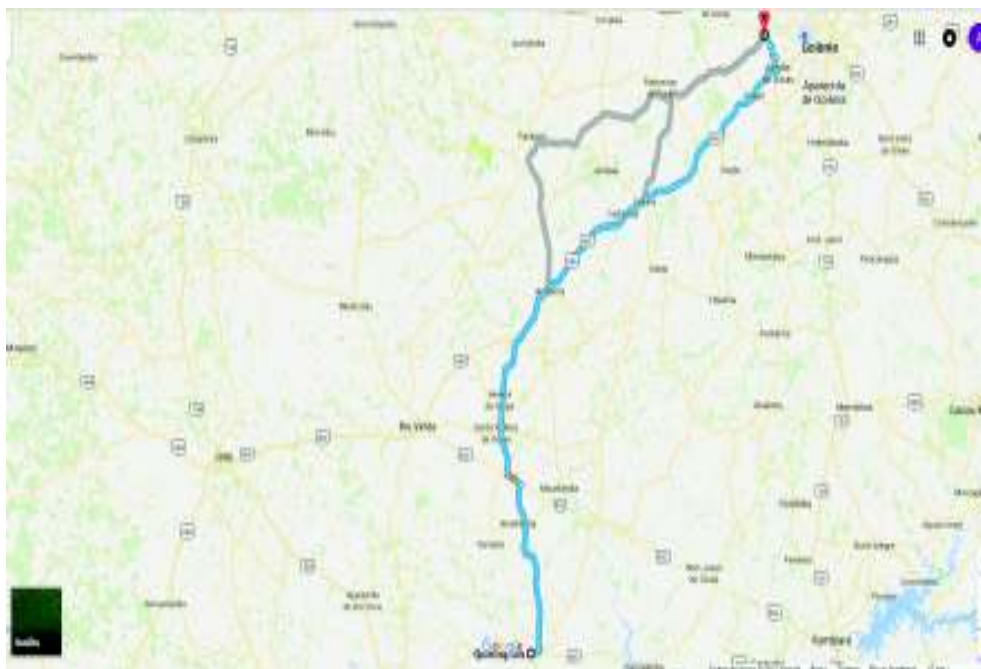


Imagem 6 - Mapa do trajeto dos romeiros de Quirinópolis-Go a Trindade-Go

Fonte: Google Maps.

Quirinópolis é uma cidade localizada no sul de Goiás. Está a duzentos e noventa quilômetros de Goiânia, capital do Estado de Goiás. Ela é composta por habitantes que ainda trazem consigo muitas características do meio rural. Por estar de acordo com o contexto histórico de formação dos municípios das cidades goianas, Quirinópolis não ficou diferente nesse aspecto, trazendo a forte presença da religiosidade. Na maior parte dessas formações de arraiais e cidades, constroi-se uma praça e uma igreja no centro, para atender as necessidades ou espirituais dos habitantes. Assim, nas memórias escritas por Sargim Junior e Sargim (2000), se comprova o que já era presumível: imigrantes tomaram posse de grandes fazendas e naquelas terras fundaram um povoado composto por uma casa comercial, uma loja de tecidos, um mercadinho e uma Igreja. Toda a estrutura foi criada para atender as demandas das pessoas que viviam espalhadas pelo campo.

O povoado recebeu inicialmente o nome de Nossa Senhora D'Abadia ou Capelinha. Sua emancipação política deu-se em 1943, denominando-a de Quirinópolis em homenagem a um importante fazendeiro da região. Por vários motivos, desde a década de oitenta, houve na região intensa emigração do campo para a cidade. Contudo, ainda vivendo na cidade, a população não deixou suas características do meio rural. Torna-se evidente que a romaria está intimamente ligada as questões rurais, ou seja, a sua permanência dentro de práticas culturais, assim como a sua aceitação, está vinculada às condições da vivência da população do meio rural. Os romeiros expressam suas tradições adaptando-as a nova situação urbana e da modernidade.

Durante minha estadia na romaria pude acompanhar as atividades religiosas que fazem parte da romaria e estabelecer uma relação de companheirismo e amizade. Foi essa convivência que possibilitou-me a realização das entrevistas.

Aos poucos percebi que as relações dos participantes que há muitos anos fazem a romaria estavam inseridas dentro de uma rede maior de relações que atravessava a comunidade local e sobrepunha-se a outras relações sociais, como as de compadrio e de vizinhança. Isso estende a solidariedade para o cotidiano. Posso afirmar que a romaria cria um laço especial entre romeiros que perdura fora do contexto da romaria, estabelecendo uma rede de relações de amizade e confiança, mas também existem tensões afloradas. Como Steil observou na romaria de Bom Jesus da Lapa, a caminhada apresenta situações de “igualitarismo, irmandade, competições e conflitos” (1996, p. 93).

Em Quirinópolis não há um santuário, nem mesmo uma capela, que tenha missas periódicas ao Divino Pai Eterno. Há um incentivo da Igreja Católica nos dias que antecedem a festa religiosa de Trindade, divulgação dos eventos e um rito destinado aos romeiros.

A cidade de Trindade vive um clima de romaria o ano todo, entretanto, no mês de julho de cada ano, o Romeiro tradicionalmente faz a sua caminhada para a festa. O santuário do Pai Eterno está no “centro do mundo” que tem significado cosmológico e ali se espera realizar experiências místicas estimuladas pela crença (ELIADE, 2010). Anualmente percebe-se que são recriados e reinventados os ritos no quais os Filhos do Pai Eterno vivem um lugar especial e um tempo além do histórico.

Durante o ano, o cotidiano da família do *Melado*²⁸ modifica-se temporariamente para atender as necessidades preparatórias da romaria. Eles saem em busca de pessoas que possam auxiliar no transporte: como exemplo o caminhão e combustível que transporta as matérias da cozinha e mantimentos alimentícios de limpeza e farmacêuticos, além das bagagens como roupas, colchões, cobertores e barracas. Precisa-se também de um ônibus e motorista que faça o transporte de volta para Quirinópolis. Antes a prefeitura cedia o ônibus, mas nos últimos dois anos, conforme relato do Senhor Melado, por questões políticas partidárias a prefeitura não se dispuseram a ceder mais o ônibus, tendo aquele Senhor que procurar e solicitar por influência a Associação dos portadores de Câncer de Quirinópolis (ACIQ), a liberação para fazer o transporte do retorno dos romeiros mas tem que contribuir com o combustível e pagar a diária do motorista. “Ainda bem que faço parte da diretoria da Associação”, ele diz²⁹, pois se não pudesse utilizar este transporte, ficaria bem mais oneroso o valor.

Neste aspecto, relaciono o processo de preparação da romaria com a modernidade. Os romeiros que faziam esse trajeto antigamente eram acompanhados pelos carros de boi e pela carroça, que servia para levar os mantimentos básicos. A mudança foi necessária e imposta pela sociedade, pelas estradas asfaltadas e apresenta uma ressignificação da romaria. Não se perde a tradição, mas ela é adaptada de acordo com a temporalidade.

A família do Senhor Melado recebe os devotos que vão a primeira vez, explica-se como funciona a romaria e como proceder para se organizarem. Apontam o que precisam levar e somente a partir daí realizam uma anotação no caderno exclusivo da romaria. Isso acontece durante o ano todo.

As anotações são feitas em um caderno simplório, já usado para outros fins. Nesse caderno o Senhor Melado, organizador da romaria, tentou dar uma sequência cronológica em suas páginas, porém já tinha anotado os dados de 2013 e 2014. Sendo as informações de extrema importância para a organização, elas são completadas durante o ano. Nele vêm descrito

²⁸ Denominaremos no decorrer do texto de “Melado”, o apelido dado ao senhor Gilberto Aparecido Medeiros, que usa também para diferenciar o grupo da romaria.

²⁹ Depoimento do Senhor Melado quando questionado como era feito o transporte de pessoas e matérias. (20/06/2014).

com contornos simples o ano de cada romaria, em sequência ele anota uma relação de *romeiros de trindade*. Para o ano de 2013 foi anotado o dia de vinte e sete de junho como o dia da saída e o horário de 01:00 hora da manhã, composto o grupo com cinquenta integrantes, mais oito pessoas da equipe de apoio, que são o motorista, as cozinheiras e enfermeiras. No ano de 2014, foram vinte e oito integrantes e não foi descrito quem iria no apoio, mas de acordo com minha participação na romaria, foram cinco pessoas, que revezavam as funções durante o trajeto. Havia também outra anotação que apontava quarenta integrantes, e acreditamos ser a lista de 2012, sem maiores especificações desta romaria. Temos, então, uma média de participantes deste grupo com quarenta e cinco pessoas caminhando.

O que se percebe ainda nestas listas é que os nomes se repetem ao longo dos anos. As pessoas vão uma primeira vez e dão continuidade a esta prática. Nota-se o cuidado em registrar os dados com informações precisas. Na saída de Quirinópolis, o organizador volta repassando uma lista com as seguintes informações: nome do romeiro e telefone de parente próximo. Sua experiência mostra os cuidados a serem tomados no momento de sair de Quirinópolis com as pessoas que podem não estar bem de saúde ou até não aguentar fazer todo o trajeto³⁰.

As despesas financeiras também estão relacionadas nesse caderno, sendo elas computadas no valor de despesas gerais R\$ 7.725,00 (sete mil, setecentos e vinte e cinco reais) fracionados para R\$ 200,00 (duzentos reais) a contribuição dada por cada romeiro. Este valor é simbólico, segundo o senhor Melado, pois as despesas são maiores. Devido à tradição, ele recebe patrocínios dos quirinopolinos, além, é claro, de voluntários que saem no percurso oferecendo lanches e até almoços. Nem todos conseguem pagar o valor total, mas não são impedidos de ir. Muitos dos participantes dessa lista são pessoas com condições financeiras estáveis e conseguem ajudar na ida de outro devoto.

Para entender o contexto desta tradição histórica, podemos ter a ajuda do método hermenêutico de Paul Ricoeur, que sugere um percurso na noção de tradição. Para explicar e distinguir, fracionaremos em três processos diferentes: *Tradicionalidade, as tradições e tradição*. Ele nomeia inicialmente de *tradicionalidade* um costume formal que garante o prosseguimento ou continuidade de um passado ou sucessão histórica desencadeada pelas “interpretações e reinterpretações das heranças do passado”, existindo uma dialética entre a “eficiência do passado, que padecemos, e a recepção do passado que realizamos”, que pode ser traduzido na experiência. Ou seja, a influência da história afeta o nosso ser pela pretensão de sentido da tradicionalidade. A experiência aponta, no distanciamento do tempo, a fundamentação e a suspensão do processo histórico que no presente se enraíza (1997, p. 379).

³⁰ As informações deste parágrafo encontra-se com os demais documentos do projeto da romaria.

Chamando de *as tradições*, no plural, o autor define dentro da semântica transmitida como portadora de sentido. Com elas, as heranças recebidas numa ordem aleatória são organizadas e, virtualmente, ganham uma dimensão de linguagem ou de texto. Isso significa que estamos sempre numa “posição absoluta de inovadores, mas sempre numa circunstância de herdeiros”. Por isso, a estrutura da linguagem, da comunicação e da transmissão de conteúdos passados é importante. Para entender as coisas já ditas, os sujeitos recorrem a um processo de interpretação ou reinterpretação.

A *tradição* acontece socialmente como legitimidade, como pretensão à verdade oferecida. O que recebemos do passado são crenças, são persuasões e convicções, ou seja, uma maneira de “*ter-como-verdadeiro*”. Por presunção de verdade, a crença e a recepção confiante da tradição precede toda proposta portadora de sentido (RICOEUR, 1997, p. 387).

Vejamos o começo da romaria, de acordo com a tradição e a experiência dos romeiros quirinopolinos.

3.2 Saída Dos Romeiros do Divino Pai Eteno

Para a família do Melado, partir de Quirinópolis-Goiás em direção a Trindade a fim de realizar mais uma caminhada de fé e devoção ao Divino Pai eterno é um compromisso religioso de uma família que carrega as bênçãos em sua formação. A tradição, como disse Ricoeur, é persuasão. Nas palavras de Gilberto:

Desde que eu me entendi por gente já ia a pé com meus pais em Trindade (...) naquele momento tinha uma época do ano que eu ia viajar para rezar, não entendia muito bem para mim naquele momento era uma viagem com amigos do meu pai (...) morava na fazenda e trabalhava na lavoura e via sempre meus pais pedir ao Divino Pai Eterno chuva, colheita, saúde e outras coisas (...) então sempre que algo não ia bem eu ajoelhava e rezava 1 pai nosso e 3 ave Maria e fazia meu pedido e sempre fui atendido (...) na fazenda era assim quando mudamos para cidade para eu estudar, não mudou muita coisa, pois eu continuava viajando no final de junho para ir a Festa da Trindade, mas agora eu já sabia o que ia fazer lá tinha dança, barraquinha e muita mulher bonita eu pensava que a festa era só isso e que depois rezássemos uma missa e já estava pronto para voltar (...) neste momento meu pai me sentou e explicou assim meu filho tudo que temos foi o Divino Pai Eterno que nós deu e quando minha mãe ficou doente e não tinha recurso, pois os médicos disse, então meu pai me chamou e ajoelhamos juntos e entreguei nas mãos dele e fiz o pedido que enquanto vida eu tiver eu ia a pé e ajudaria outras pessoas a ir para agradecer ao Pai, então eles rezavam terço cantado em homenagem ao divino Pai Eterno, neste momento meu pai me pediu para que eu continuasse a fazer a caminhada em agradecimento (...) não pensei em nada, mas como meu pai esta muito bem de saúde concordei e anos se passou e eu continuava a indo com meu pai e ai eu chamava meus amigos e alguns ia só para ver como era e depois não parava mais de ir e o tempo foi passando até que o tempo foi passando e meu pai faleceu (...) ai ficou só minha mãe e eu e ela disse você vai continuar e eu disse vou prometi para meu pai e vou cumprir (...) continuei fazendo a caravana do mesmo modelo alugando os caminhão para carregar

os mantimentos e para carregar as roupas de uso próprio de cada um, então íamos a pé e voltávamos no caminhão mas depois de um tempo foi proibido andar pessoas na carroceria do caminhão por isso fui na prefeitura e consegui que a prefeitura nos buscasse de graça na Trindade e de lá pra cá todos os anos é assim a prefeitura nos ajuda com o retorno, e outras ajuda dependendo do prefeito uns são mais religiosos que os outros e assim vai providenciando a nossa ida (...) tenho um caderno onde registro todos os dados do participantes como telefone para contato se tiver algum tipo de doença como devo proceder, por isso toda vez levo uma enfermeira para nos ajudar com os remédios (...) algumas pessoas consegue ir andando e outras vão pedaço do percurso de carro de apoio mas isso não interfere para que a pessoa receba sua graça, mesmo os que vão por curiosidade ele recebe uma paz, uma luz que não dá para explicar e eles continua indo nos outros anos os que não vão fornece almoço, lanche para turma, não tem explicação no que acontece é graça de Deus e as coisas vão providenciando³¹.

A continuidade da *tradicionalidade* do senhor Melado é também uma projeção do horizonte entre passado e presente, o qual ele interpreta e reinterpreta à sua maneira. A devoção ao Pai Eterno vem de uma identidade internalizada, e na sua visão é como se ele se separasse do horizonte e retornasse a ele num movimento involuntário. Ele explica que o princípio vem de seus pais, enquanto sertanejos e pessoas humildes, que padeciam sem recursos médicos. Eles solicitaram ao Pai Eterno melhoras na saúde, obtendo a cura. A comunicação do sentido requer uma experiência e uma reciprocidade, e o reconhecimento da intenção. Assim, no horizonte de expectativa da melhora, o transcendente Pai Eterno assume a legitimidade, a convicção, com relação as tradições religiosas da região.

O ir em romaria sem reconhecer plenamente seu significado é genuíno em tempos onde o tema religião está sempre sendo polemizado. A exuberância da festa, que Oscar Leal descrevia em seus relatos um século atrás, também é uma atratividade que desde seus primórdios permanece. O profano está em um espaço onde o entretenimento está entrelaçado com sagrado. Como diz Zeny Rozendhal, nas sociedades “as complexas ligações da religião com outras dimensões da vida têm atualmente a importância de algo sagrado” (2012, p. 17). O devoto, obviamente, diferencia as características do que é profano pela existência de elementos que não possuem a aura da sacralidade e da tradição.

Aqui temos as imagens dos romeiros no momento de saída da cidade:

³¹ Entrevista com Gilberto Medeiros onde explica o porquê tira o tempo para ir todo ano a pé, em devoção ao Divino Pai Eterno.



Imagem 7 - Momento da oração da Santa Cruz de Jesus Cristo - saída dos romeiros de Quirinópolis.

Fonte: Alessandra Bezerra da Silva, ano de 2014.



Imagem 8 - Momento de oração e saída dos romeiros de Quirinópolis.

Fonte: Oscar de Lima Pires Junior, ano de 2016.

Na última semana de junho, todos os anos, os romeiros reúnem-se na casa de um dos organizadores da comitiva para saírem rumo a Trindade. Depois de um ano de preparação e organização para a tão sonhada caminhada da fé, eis que surge para os romeiros o momento da saída rumo ao local sagrado de Trindade. É o tempo da fé, emoção e entrega física e espiritual ao Pai Eterno. A ansiedade marca, também o entusiasmo. Ali ocorre uma

experiência fundamental em suas vidas, a busca do encontro. O início da romaria tem a sensação de romper com o contexto imediato para colocar em mediação o mundo exterior.

Para o Senhor Melado, qualquer pessoa que resida em Quirinópolis e tenha interesse pode fazer parte da romaria juntamente com sua família. Lembrando que, para o Senhor Melado simbolicamente, a denominação de *família* não está somente no sentido de grupo de pessoas como a mesma ancestralidade biológica, e sim, de pessoas conhecidas que o auxiliam na permanência da tradição religiosa. É claro que, eventualmente, alguns membros de sua família como mãe e esposa o acompanham durante a caminhada, mas não o fazem necessariamente todos os anos.

Ao observar as imagens percebemos que estão em um momento de orações e agradecimentos, um dos *rituais de passagem* da romaria. Para nossa pesquisa, foi até um problema metodológico, pois eles estavam aparentemente desorganizados e nós meio perdidas. Eles permaneceram na rua, sem nenhuma estrutura física que acomodassem os romeiros que partiam. Não havia ali imagens para serem veneradas, não havia velas acesas, não havia relíquias, nem ex-votos, nem havia um templo próximo, nem mesmo uma imagem do Pai Eterno. Desse modo, diferente do catolicismo oficial, a reunião é considerada pelos sujeitos um período religioso, um tempo sagrado no qual se vive a tradição.

O deixar seu cotidiano uma vez por ano para entrar no tempo sagrado, pode ser uma primeira hipótese sobre o quê move as pessoas a percorrerem trezentos quilômetros a pé em direção à Trindade. As experiências da romaria formam dois contextos que diferem do lugar de origem dos romeiros e são passagens que marcam a temporalidade e fragmentam os interlocutores entre cultura religiosa e a tradição. Logo serão marcados pelos quilômetros caminhados até Trindade, apontados por Paul Ricoeur como passagem das tradições locais à tradição.

Além da oração e das preces espontâneas que são realizadas pelos membros e voluntários da romaria, também são feitas orações litúrgicas como a Oração de Santa Cruz³². Eles colocam simbolicamente suas preces em um altar imaginário, expondo todos seus sofrimentos e angústias cotidianas. Fazem ali seus pedidos e apresentam suas necessidades em forma de orações. A união, as mãos dadas, são gestos performáticos do corpo e uma forma de

³² **Oração da Santa Cruz** - Deus todo poderoso, que sofrestes a morte sobre a madeira sagrada, por todos os nossos pecados, sede comigo. Santa Cruz de Jesus Cristo, compadecei-vos de nós. Santa Cruz de Jesus Cristo, sede a minha esperança. Santa Cruz de Jesus Cristo, afastai de mim todas as armas cortantes. Santa Cruz de Jesus Cristo, derramai sobre mim todo bem. Santa Cruz de Jesus Cristo, desviai de mim todo o mal. Santa Cruz de Jesus Cristo, fazei com que eu siga o caminho da Salvação. Santa Cruz de Jesus Cristo, livrai-me dos acidentes corporais e temporais. Santa Cruz de Jesus Cristo, Rei, vos adoro para sempre. Santa Cruz de Jesus Cristo, fazei com que os espíritos malignos invisíveis se afastem de mim. Conduzi-me Jesus à vida eterna. AMÉM, por todos os séculos dos séculos.

falar com Pai Eterno, momento em que se transcende a normalidade do tempo e do espaço, como se o pai estivesse ali presente.

Compreende-se nos estudos sobre as romarias que se vive um tempo cosmológico para partindo dele realizar experiências com o que seria sobrenatural. Assim, são pedidos nas orações diversas graças: ajuda financeira, saúde, paz, bem como outros agradecem com emoção as graças já alçadas. Fazem a oração pela romaria, rogando proteção, sabedoria, paz, tranquilidade e humildade na caminhada, expressões fortes e presentes também na litúrgica oração de Santa Cruz. Isso acontece porque a caminhada tem duração média de sete dias e sete noites cheias de constantes perigos nas rodovias.

Ainda observando a imagem 3 percebe-se que os romeiros estão livres de qualquer peso que possa atrapalhar durante a viagem, pois todo material necessário já está organizado no caminhão de apoio, que pode ser visto ao fundo da imagem. Neste caminhão, encontram-se objetos como colchões, roupas de cama, produtos de higiene, comida, barracas e fogões necessários para devido descanso e alimentação usados no percurso da viagem. Ela exige do corpo e da mente de cada pessoa muito sacrifício. Só a partir desse momento, começam a caminhar.

Na imagem oito, do ano de 2016, há um padre popularmente conhecido da Igreja Católica, que fora na informalidade dar suas bênçãos durante o rito de saída. Ele dá sua bênção ao grupo e os acompanha. No caderno de anotações da romaria, existe a anotação de uma missa celebrada uma semana antes da saída dos romeiros. E os romeiros fazem uma parada em frente à porta da Igreja Nossa Senhora da Aparecida, estando ela fechada, para novamente colocarem-se diante do Pai. O Padre Oscar posiciona-se com muita sabedoria juntamente com o Senhor João da Cruz, um senhor de 85 anos, que tem o respeito e atua como um guia dos romeiros, alguns se emocionam e disfarçam o choro, evidenciando a importância da romaria para o grupo. A igreja Nossa Senhora da Aparecida faz parte do caminho ainda na cidade de Quirinópolis e de lá seguem até o Cristo Redentor da cidade, outra parada onde os romeiros acendem uma sensação de que Deus está presente. O Padre Oscar narrou sua bênção em dois breves vídeos³³ do dia da saída.:

Os romeiros do Divino Pai Eterno estão saindo nesta noite do dia 23 de junho de 2016, agora são uma hora e quinze minutos da manhã. Se Deus quiser eles irão chegar lá daqui uns dias. Vão com Deus e o Divino Pai Eterno os acompanhe.

³³ Vídeo publicado e disponível no Facebook do Senhor *Oscar de Lima Pires Junior*, no mesmo instante da saída dos romeiros.

No segundo vídeo, quinze minutos mais tarde, ele diz:

Estamos na Avenida Leocádio de Souza Reis, acompanhando a saída dos Romeiros do Divino Pai Eterno. Deixando aqui em nossa cidade de Quirinópolis rumo ao Santuário na cidade de Trindade. É com muita alegria que a gente acompanha a saída dos romeiros do Divino, Que Deus abençoe a viagem deles, que Deus abençoe cada um deles, pelas suas intenções. Que Deus e Nossa Senhora D'Abadia os proteja de todos os perigos. São os Romeiros do Divino Pai Eterno. Saindo neste momento à uma hora e trinta minutos da manhã rumo à cidade de Trindade. Santuário do Divino Pai Eterno e muita fé e muita esperança e amor no coração que move cada um, nesta caminhada. (OSCAR DE LIMA PIRES JUNIOR, 2016)

Já é um costume da família dos romeiros que vão caminhar ter os acompanhantes até o Cristo Redentor. A trilha sonora do vídeo feito ouve-se o som da música do Padre Zezinho “Oração pela família”. De alguma forma, de seu universo simbólico e de crenças rogam a proteção de Deus. Tudo é feito como se a Igreja estivesse presente, participando e apoiando suas penitências. O Padre Oscar os abençoa de maneira informal, pois não era uma prática comum nos anos anteriores a presença de um sacerdote na romaria.

O que desperta a atenção é a quem se pede a proteção, a Deus e a Nossa Senhora D'Abadia. O pedido de proteção é a todos os Santos, pois o sincretismo está presente. Nossa Senhora D'Abadia é a Padroeira da cidade de Quirinópolis, e anualmente, é feita uma semana de festas³⁴ e quermesses em adoração a Nossa Senhora da D'Abadia. A festa é realizada na semana que antecede ao dia 15 do mês de agosto, data litúrgica desta festa católica. As festas religiosas atraem muitos quirinópolisinos, portanto, são importantes para formação das práticas populares religiosas, indicando a criação e a perpetuação de uma tradição local e de uma identidade cultural.

Para Steil (1996), as romarias tradicionais são feitas geralmente em carros de boi, a cavalo e a pé. Só que na modalidade a pé, tornam-se cada vez mais raras. Quando acontecem, são feitas com parte da família enfrentando dificuldades. Os recursos são cada vez mais difíceis. Embora serem mais raras, elas são muito comentadas pelos romeiros que associam a penitência do caminhar à aflição dos pecados. Esse elemento é na tradição das romarias cristãs, que permitem vincular fragmentos das suas próprias histórias de vida nos relatos contados por seus participantes.

³⁴ Ler Dissertação de Mestrado em História de Fernando Martins Da Silva: *Tradições E Manifestações Da Cultura Popular Em Goiás: A Festa De Nossa Senhora D' Abadia Em Quirinópolis*. Disponível em: <http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/handle/tede/3341> acesso em: 16 de setembro de 2017.

Atualmente, a maioria dos romeiros faz a viagem de acordo com a sociedade moderna, chegando ao lugar sagrado de ônibus, excursões, carro próprio ou avião. Mas uma das características dos romeiros do Pai Eterno é viajar em grupos formados por pessoas que se conhecem, vizinhos, parentes e amigos. De modo que, a romaria estende para um espaço sagrado as relações existentes nas comunidades de origem. Ao penetrar esses espaços sagrados do Santuário e no tempo extraordinário da romaria as realizações são idealizadas reforçando o princípio de que todos devem agir e sentir como pares, como irmãos. Portanto, os processos sociais de solidariedade sofrem idealização e são fortalecidos nas romarias.

Outro aspecto que se percebe nos estudos sobre as romarias, e que tem grande importância, é a idealização da igualdade social. Um elemento que constrói as relações sagradas e os santuários dos católicos tornando-se únicos. De acordo, com depoimento de um Romero de Jequié (BA), “ quando a gente prepara uma viagem desta, não tem separação. Todo mundo é irmão, todo mundo é amigo. Tem que ser assim” (STEIL, 1996 p. 64). Victor Turner registra as palavras de um Peregrino que visitava o santuário de Guadalupe no México e diz que: “ a única sociedade sem classe possível (...) um triunfo da única igualdade real da graça e do espírito”.

Este sentimento tem uma ruptura com as fronteiras de classe, de identidade étnica, de idade. Essas diferenças podem ser abolidas através da romaria enquanto ela durar. Assim sendo, mostra-se a humildade do líder, o Senhor Melado, em não fazer distinção entre um membro da família e um romeiro qualquer. Todos unidos formam a *Família do Melado ou família dos romeiros do Pai Eterno*.

O romeiro mais experiente desse grupo é o que tem mais idade e mais tempo na estrada. Ele já completou sua promessa, e os demais anos ele faz em forma de agradecimento. Nesse momento do caminho surgiram rumores que ele poderia não dar conta de todo trajeto. Mas como todo devoto, de cabeça erguida ele continuou a caminhar e disse: “eu vou porque Deus permite, e vou continuar indo enquanto vida tiver; sou devoto do Divino Pai Eterno e minha missão é levar os romeiros até lá, ensinar o que sei”³⁵.

As relações de companheirismo perduram todo o tempo da caminhada. Durante o ano, eles buscam quem pode ajudar os romeiros, patrocínios para fazer camisas e auxiliar nas demandas financeiras. Para o grupo, as camisas são um sinal de semelhança e de irmandade, para os que vêm de fora é identificação do grupo. O que importa para o grupo é a igualdade e união.

³⁵ Entrevista no dia 25/11/2014 com o Sr. João da Cruz, de 70 anos e que vai a pé a Trindade há 55 anos.



Imagem 9 - Grupo de apoio destaque o Sr. João da Cruz.

Fonte: Alessandra bezerra da Silva (2014).

3.3 A execução da caminhada: limiar entre o sagrado e o profano

A caminhada não é pautada por ninguém específico. O ambiente é alegre, descontraído pelo curso onde as pessoas ajudam-se mutuamente para dar conta do trajeto. Durante a caminhada diária não são impostas orações ou ritos. Ela inicia-se todos os dias durante a madrugada, e faz com que os participantes conversem entre si, troquem relatos de experiências de vida. Pode acontecer, é claro, de contarem o motivo da promessa, um fato que nem sempre é revelado entre os romeiros, gerando um certo grau de confessionalidade.

A proximidade é reforçada porque a madrugada é o período mais frio e a romaria acontece no inverno. Há frio durante a madrugada e intenso calor de dia, além do asfalto quente. Bate a solidão e as vezes medo de não conseguir fazer todo o caminho, insegurança dos animais que podem sair das fazendas e atravessar o asfalto, e até de pôr as vezes ficarem por último durante a caminhada. Sempre andam na contramão da via, para evitarem acidentes. Esta é uma das medidas de proteção, afinal, são em média cinquenta e cinco quilômetros diários.

Nesse vai e vem, as pessoas contam histórias e rezam o terço, para tornar mais suaves as horas. As afinidades entre alguns membros parecem se evidenciar. Os diálogos não são somente sobre religiosidade, devoção ou fé; pois o principal passatempo é realmente a

conversa. O ato de caminhar cria boas relações e oportunidades para ouvir e falar da vida e as experiências, contar piadas e histórias, sejam próprias dos romeiros ou de outras pessoas próximas. Assim, o sagrado e o profano misturam-se nesses vários momentos.

Durante o primeiro dia a parada foi feita aproximadamente as dezessete horas, próximo à cidade de Riverlândia. O dia foi marcado pelo cansaço, mas todos reúnem-se para realizar a oração em agradecimento ao dia concluído. As orações partem novamente de um dos condutores da romaria e vai intercalando conforme a espontaneidade dos romeiros. Havia fila para o banho, que foi feito em uma fazenda concedida pelo proprietário que, anualmente acolhe os romeiros. Ele cedeu dois banheiros e o quintal da fazenda onde tinha uns manguezais para colocar o caminhão de apoio, armar as barracas e fazer a comida³⁶ do jantar. Em seguida, o devido descanso.

Um caso instigante é o do Senhor Élbio Fernandes da Silva. Ele já vai em romaria há sete anos. Quando terminou a promessa ele fez outra de ir com uma cruz nas costas que com o passar dos anos ficaria cada vez mais pesado.



Imagem 10 - Caminhada carregando a Cruz.

Fonte: Alessandra bezerra da Silva (2014).

³⁶ A comida é feita pelas pessoas que voluntariamente dão apoio a romaria.

Neste ano, a cruz está com vinte e cinco quilos. Como Rubens Cesar Fernandes observou em relação ao romeiro que levava sua cruz ao Santuário de Bom Jesus de Pirapora, aqui também pode-se falar de um *realismo fantástico* que envolve o romeiro e o coloca em outra realidade de tempo e espaço (1982, p. 138).

A decisão de fazer a romaria é sempre pessoal e surge como a quebra da rotina voluntaria para colocar-se no caminho da Via-Crucis³⁷, permitindo representar simbolicamente o sacrifício do filho de Deus. O que para o Senhor Elbio é algo sagrado, conforme seu depoimento:

A primeira promessa fiz pro meu filho, ele foi curado do vício, nossa vida desmorono quando ele se perdeu nas droga, não tinha coragem de olha pros meus amigos, ocê sabe que todo mundo te acusa pela mal criação do filho, mas Deus sabe a criação que deu pra ele. A segunda foi pra minha mãezinha, essa levo as cruces, a última será em agradecimento, mas demoro ainda cinco anos. porque um homem quando promete cumpro. Se eu falar “eu vou” cumpro. Mas peço a Deus pode cumpro essa promessa sem pedir para meus irmãos...

As razões que levam os romeiros a Trindade são variadas, mas o principal de uma promessa é que ela seja cumprida por quem prometeu. Acompanhando o Senhor Elbio em romaria, vi um homem cansado empenhando-se para carregar a cruz, mas posso dizer que ao longo da promessa ele sente-se honrado pela mãe e filhos. A dificuldade de manter a promessa, a sutileza propícia de um detalhe fundamental, muitas vezes não requer transferir a promessa a outro membro da família, cabendo a ele a honra de servir ao Pai Eterno. É preciso aguentar a viagem, ir até o fim da romaria. A promessa original previa uma progressão e começa devagar, com uma cruz de tamanho médio a primeira de quinze quilos, e foi aumentando os quilos sucessivamente.

Outra romeira, que prefere permanecer no anonimato³⁸, também lamentava que seu filho havia entrado num vício de drogas desde os quinze anos. Naquele momento ele tinha vinte e dois anos de idade e já estava dias sem aparecer em casa. Lamentando ela de que já tinha proposto ao filho as oportunidades que a sociedade lhe impusera, ofereceu um trabalho onde ele furtou, casa e comida que ela oferecia era pouco, que tudo que viera de sua parte era monótono e que a mãe sempre o matava de vergonha. A mãe teve de abandonar o trabalho pelas importunações dos delitos feito pelo filho. Chorando ela disse: “Não há solução, acredito que somente Deus pode salvá-lo, Deus da providência”. A última coisa feita por ele, é que estava morando com um amigo que também cultivava o mesmo vício e estava ligado ao

³⁷ Para Steil, existe um paradigma da Via-Crucis, cujo mistério aproxima a potência divina da fragilidade humana, dá coerência a jornada revestida de experiência em caráter dramático (1996, p. 97).

³⁸ O depoimento da romeira fora narrado conforme entrevista feita em 2014. Os nomes estão permanecendo em sigilo, conforme pedido da romeira.

tráfico. Para ela era o fim, e o filho percebendo que o círculo se fechou, mas não aceitava sair de seu mundo. A mãe ofereceu uma única alternativa de tratamento, o qual ele recusou tantas outras vezes. Por isso, o filho sumiu dela e ela busca no Pai Eterno a salvação de seu filho. Ao longo da caminhada ela recebeu um telefonema que o filho havia voltado para sua casa. Desesperada ela queria voltar imediatamente para rever o filho, mas encorajada pelo restante do grupo concluiu a caminhada e seu esposo estava esperando para retornar logo para vê-lo.

O horário de levantar ainda era confuso para o corpo nos primeiros dias. Pois a caminhada acontece a maior parte do tempo durante a madrugada. Então, levanta-se a meia noite para tomar café e partir a uma hora da manhã. No segundo dia, o percurso era de Riverlândia até Santa Helena de Goiás; as ladainhas e orações começam cedo. Ao alvorecer os romeiros foram recepcionados no caminho pelo casal Sergio Barbosa de Lima e Fernanda Rosa Moraes Barbosa, devotos do Divino Pai Eterno que naquele ano não conseguiram fazer a caminhada. Eles foram ao encontro dos romeiros e levaram quitandas para o café da manhã dos participantes. Desta maneira, entendemos que as romarias não se reduzem somente aos que vão caminhando a pé, mas incluem àqueles que creem e durante a romaria servem os romeiros com lanches, almoços, ofertam o pouso e ajudam de alguma forma. Os atos são marcados pelo sentimento de devoção e caridade.



Imagem 11 - Cozinha dentro do caminhão de apoio e os cozinheiros.

Fonte: Alessandra Bezerra da Silva (2014).



Imagem 12 - Lanche organizado pela equipe da cozinha.

Fonte: Alessandra Bezerra da Silva (2014).

A cozinha está dentro de um caminhão de apoio. Leva dentro dele dois refrigeradores para manter a comida e resfriar a água. Dentro deles havia carne, água mineral e água de coco, sucos e refrigerantes. Há ainda dois fogões de quatro bocas para dar conta da demanda na hora da alimentação e uma prateleira improvisada para armazenar os acessórios da cozinha.

Por volta das sete horas teria novamente um café da manhã. Sendo este café planejado pelos auxiliares da cozinha da romaria. Serviram pão com manteiga, leite, café, refrigerantes, sucos, achocolatados. Esse café era servido diariamente, sempre com abundância.

Esse trecho da caminhada demonstrou ser o mais árduo do caminho, pois era o pior trecho da rodovia. Ele não apresentava acostamento, e próximo ao Córrego do Bauzinho é muito perigoso devido o tráfego de caminhões intenso mesmo durante a madrugada. Nesse dia o caminhar e empolgação dos romeiros já se apresentava mais lento, pois as pernas estavam cansadas do dia anterior e pela falta de costume. Diante disso, os romeiros andam um pouco menos, para uma melhor adaptação do corpo e estratégia de pouso no percurso. O dono do frigorífico Bezerra e Passos cedeu seu barracão e banheiros para os romeiros “da família do Melado” se hospedarem e descansarem, além de doar uma grande quantidade de carne para o jantar. Essa carne os alimenta durante todo o trajeto, não havendo preceitos alimentares.



Imagem 13 - Churrasco doação da empresa Bezerra e Passos.

Fonte: Alessandra bezerra da Silva (2014).

Chegaram ao frigorífico por volta do meio dia. A alimentação da manhã havia sido reforçada, mas as energias do grupo já eram poucas. O sol depois das dez horas da manhã não é favorável para caminhar. Uma parte do grupo costuma chega à frente e esperar os demais para realizar a oração de agradecimento logo na chegada. Um dos participantes chegou a desmaiar durante a oração, preocupando o restante do grupo com seu estado de saúde, mas logo perceberam que fora somente cansaço e desgaste físico provocados pelo sol, diagnostico dado pela enfermeira que acompanha a romaria. Neste dia, não retornaram a caminhar pela tarde, descasando até o início da noite.

No terceiro dia, o trajeto era do trevo de Santa Helena até um posto de combustível na cidade de Acreúna. Somente foi iniciado após um café reforçado. Não foi menos puxado o ritmo e alguns romeiros já apresentavam sinais de muito cansaço, desgastes nos pés e nas pernas. Esses romeiros demoraram mais tempo para chegar no destino. Nesse trajeto, receberam várias vezes lanches, durante toda madrugada, e ao amanhecer, das famílias que saíram de Santa Helena e de Quirinópolis para fazer mais doações³⁹ aos romeiros.

A caminhada perdurou também durante a tarde, prosseguindo após a pausa para o almoço e descanso. Alguns saíram por volta das duas horas da tarde, para ainda caminharem mais dez quilômetros restantes, mas em consequência do asfalto quente novamente alguns passaram mal. Os auxiliares de cozinha e o motorista do caminhão, juntamente com as pessoas que estavam nos carros de apoio, foram rapidamente para o destino procurar um lugar

³⁹ A senhora Ivanis Arantes Silva residente em Santa Helena de Goiás, faz a romaria com sua família a muitos anos. Família do Senhor Antônio José Pereira (Zezé) e dona Suely Borges Pereira, tem habito de levar lanche para os romeiros e doações para a Vila de São Contolengo em Trindade.

para passar a noite. O posto de combustível, onde já era costume ficar todos anos, estava bem cheio mais ainda coube o grupo, entretanto havia escassez de água para cozinhar. O posto já estava ocupado com mais três caravanas que vinham de outras regiões.



Imagem 14 - Alongamento na estrada.

Fonte: Alessandra Bezerra da Silva (2014)⁴⁰

O Senhor Adalto Silva havia tido uma depressão profunda e tomou medicamentos indicados por profissionais da saúde, só que eles provocavam reações adversas. Uma delas era a dor nas pernas e mesmo assim, com muita fé ao Divino Pai Eterno, ele curou a depressão e resolveu ir na caminhada. No terceiro dia, não deu mais: ele entrou no carro de apoio muito triste por não conseguir prosseguir, mantendo esperança de retomar a peregrinação no outro dia. Tomou novos medicamentos que havia trazido consigo, fizeram massagens nas pernas dele e alongamentos. No dia seguinte, pode continuar a caminhar e sentir-se mais aliviado, no corpo e no espírito.

Até então, Adalto não havia manifestado por quais motivos fazia a romaria. Mas depois das manifestações de solidariedade durante o percurso, ele conseguiu contar sua história de vida, lamentando seus erros e colocando-se diante do Pai Eterno. Era a primeira vez que ele caminhava em direção ao Santuário de Trindade, apesar das fortes dores conseguiu chegar e prometeu voltar no ano seguinte. Assim descreveu sua história:

⁴⁰ Foto que mostra momentos em que o desgaste físico dos romeiros faz com que cada um o auxilie uns aos outros, pensando sempre na coletividade do grupo em conseguir chegar a Trindade.

Olha em toda minha vida tinha visto falar no Divino Pai Eterno e que milagres acontecia, sou de uma família religiosa que faz novenas, e ensina seus filhos a rezar todos os dias, nasci e cresci na fazenda. Invejosa e mudei para a cidade já estava grande para estudar, mas sempre vivi da fazenda do leite e das colheitas, criei toda a minha família e em um determinado tempo de minha vida minha filha faleceu eu achei que não suportaria é uma dor sem explicação e não queria mais viver e ai não levantava, não andava, não conversava, meus outros filhos parece que naquele momento eu não via eles, eles chegavam falava bença, me levava pro hospital mas não fazia diferença a minha neta linda falava vô ocê tem que reagi eu preciso de você e nada, continuava sem rir sem viver apenas chorava dia e noite uma depressão que o médico disse que era transtorno grave e que levava a pessoa ao suicídio e eu continuava apático a tudo então minha tia que tem uns 70 anos veio para mi visitar e ai ela conversou e me disse (.....neste momento chorou muito, achei que não ia continuar....) “Filho vê oce não ta vendo Deus oce ta na escuridão, a Eliane foi um presente de Deus mas voltou pois ele precisou dela, mais hoje os seus que estão aqui na terra ainda precisa de você, rezou um Pai nosso e uma Ave Maria e disse Divino Pai Eterno entrego esse filho em tuas mão e prometo que de pé vai em Trindade para consagrar a ti Pai Eterno. (silêncio) nunca esqueci dessas palavras, hoje estou vindo pela primeira vez e vou vim enquanto vida tiver.”⁴¹

Especialmente nesse dia, houve várias manifestações que cansariam o leitor se fossem comentadas e narradas na íntegra nessa dissertação. Selecionamos a que achamos típicas e corriqueiras na caminhada ao Pai Eterno. No período noturno, as orações foram intensas e pareciam transcender o cosmo. A romeira Rose⁴² tomou frente e disse com lágrimas de emoções:

Agradeço a Deus todo instante por cada um de nós que estamos fazendo um tremendo esforço para continuar a caminhada que por termos um desgaste físico e mental por consequência do trajeto, estamos de corações abertos para continuar a caminhada em fé, e em oração acreditando que Deus irá curar as feridas abertas nos pés e no coração de cada um, tenha piedade de nós senhor!!! Tenha piedade nós senhor!!! Dai-nos perseverança para seguir a caminhada.

Esta romeira já havia ido ao hospital de Santa Helena e de Acreúna duas vezes, com seus tornozelos completamente machucados e os pés cheios de calos de água. Ela estava no primeiro dia com sapatos inadequados para a romaria. Por isso, estava pensando em desistir. Mas seguiu conselhos dos romeiros mais experientes e estava muito emocionada durante a oração.

Em Posselândia, no quinto dia de caminhada, os romeiros descansaram e fez-se uma oração de agradecimento ao Divino e ao senhor Gilberto Melado⁴³. Aconteceu orações espontâneas, seguida do Pai Nosso:

Viva o Divino Pai Eterno! Viva! Que Deus nos conforte nos guia e nos ensina amar, a perdoar o irmão senhor peço que neste momento no oriente e nos conforte nessa caminhada leva-nos a Santíssima Trindade pela fé em Cristo. Perdoa senhor meus pecados e minhas omissões. Pai nosso que estar no céu santificado seja o vosso nome assim na terra como no céu. O pão nosso de cada dia nos daí hoje, perdoai as nossas ofensas assim como perdoamos a quem nos tem ofendido. Amém.

⁴¹ Entrevista no dia 28/06/2014 ao romeiro Aldo Silva no 4º dia de andança.

⁴² Entrevista no dia 02/07/2014 em momento de oração gravado e transcrito pela pesquisadora.

⁴³ Entrevista no dia 03/07/2014 momento de oração gravado e transcrito pela pesquisadora.

No sétimo dia e último dia de caminhada, o corpo já se adaptara a nova rotina de acordar, levantar e caminhar de madrugada, só que o percurso não é feito somente no asfalto, como era no restante do caminho. Percorre-se dezoito quilômetros por estrada de terra, e não tem carro de apoio acompanhando, porque a estrada não permite. Por isso, este trecho final torna-se mais doloroso. Segundo um romeiro, “é aqui que se deixa os pecados”.

O grupo levou mais água e comida, mas não foi suficiente para todo o percurso. Este trecho é um atalho que sai da cidade de Guapó até uma das entradas da cidade de Trindade, não sendo a entrada oficial. Também não passa pela atual “rodovia dos romeiros”⁴⁴. Nesse caminho passam pela estrada diversos outros romeiros que vêm a pé, a cavalo, carros de boi e de bicicleta, todos no único sentido a Caminho de Deus. Nessa estrada há uma subida que ultrapassa a linha do horizonte, não há sombras e cada passo é uma prova de fé. O fim da subida é o início da cidade de Trindade, assumindo a geografia uma dimensão sagrada. A esperança acelera o coração e enche os olhos dos romeiros de emoção.

3.4 A Chegada



Imagem 15 - Momento de espera dos romeiros que ficaram para traz.

Fonte: Alessandra Bezerra da Silva (2014)

Na chegada em Trindade, os romeiros da equipe de apoio tiveram que dar a volta pelo asfalto, e encontraram os demais para ir todos juntos caminhando dentro da cidade. Na

⁴⁴ A rodovia dos romeiros foi construída na saída de Goiânia (Go 060) e percorre dezoito quilômetros do Terminal de ônibus Padre Pelágio até o município de Trindade.

imagem, percebemos que alguns estão olhando para traz procurando, preocupados com os que estão ainda por vir. É “momento de espera”, cada passo para o romeiro uma prova de fé.

A caminhada, apesar de ter o mesmo trajeto, não foi nem é igual para todos. Alguns estão descalços, porque muitos chegam com vários ferimentos nos pés, com dores musculares e tensões da viagem. O sangue não pode esfriar, senão “trava” o corpo. Com a demora, alguns sentam em qualquer lugar, não se incomodam com o meio fio do asfalto, repondo um pouco de suas energias com frutas e água. Mas a chegada é um turbilhão de sentimentos, de dor, alegria, sacrifício e fé.

Quando se coloca os pés na cidade, há uma parada bem emocionante para os romeiros. Assim como ocorreu na saída de Quirinópolis, alguns familiares e amigos do grupo estão ali à espera. Os companheiros de caminhada que por uma semana estiveram juntos e presentes em todos momentos se abraçam em sinal de amor. A emoção expressada pelas lágrimas e risos expostos nas faces, também por estarem pertinho da casa do Divino Pai Eterno.

O instante torna-se sublime, com a presença de todos reunidos, os romeiros e os familiares. Os pagadores de promessa agradecem pela graça recebida, os do grupo de apoio dão as mãos e rezam, como no início da caminhada, mas com sabor peculiar de remissão dos pecados. Eles sentem a “alma lavada”, leves e livres exaltam a humildade bem como a alegria de estar diante do Divino Pai Eterno.

A oração que foi feita nesta hora é distinta de todas as outras, pois cada devoto do Divino Pai Eterno sente a presença da “luz” naquele momento. A romeira Simone agradece primeiramente, pedindo ao Divino Pai Eterno forças para aceitar a perda de seu filho de quinze anos, que havia falecido menos de três meses antes da festa da romaria. Ele tinha um câncer raro nos ossos e já tinha sido diagnosticado há alguns anos atrás, sem expectativa de prorrogar a expectativa de vida. A cinco anos ambos faziam a romaria, e naquele ano não fora mais possível. Como toda mãe que perde um filho assim, ela não se conteve nas palavras, emocionando ainda mais os demais participantes⁴⁵:

Divino Pai Eterno quero agradecer por mais um ano estar presente nesta caminhada, este ano pensei que não conseguiria vir pois não tenho o Leandro aqui comigo, mas você mais uma vez me ensinou que ele está presente sim aqui no meu coração e que se você levou ele contigo e porque você tem um propósito para ele. E te agradeço pois no dia que recebi a notícia da doença bati o joelho no chão e rezei que você me ajudasse a aceitar que estava previsto para ele e que eu e ele viria a pé pelos resto da minha vida é você como é bom deixou que ele caminhasse comigo esse trajeto por cinco anos enquanto os médicos não deram seis meses de vida e hoje eu vim aqui te agradecer por deixado o meu filho esse tempo comigo.

⁴⁵ Oração gravada e transcrita pela pesquisadora. Entrevista com a romeira Simone, 42 anos. O filho Leandro morreu de câncer três meses antes, sendo que estava há mais de 5 anos desenganado pelos médicos. Quando fez o tratamento, paralisou a doença por 5 anos, mais veio a óbito no ano de 2014.

Os demais continuaram expressando fisicamente e verbalmente as suas emoções. Sensações de arrepios, de tranquilidade, de felicidades espontâneas por sentir o fluxo de energias positivas. Todos muito emocionados com aquela mãe, que sentia falta de seu filho, lamentando que ele ainda poderia ter experiências a serem vividas, mas conformada somente pela fé em Deus e a esperança de que ele está em um lugar melhor na presença do Pai Eterno. Naquele momento, todos os romeiros que quiseram expor os seus agradecimentos oraram e falavam com coração. Logo após, continuaram caminhando até chegar na Igreja.



Imagem 16 - Última oração em equipe entrada de Trindade-GO.⁴⁶

Fonte: Alessandra Bezerra da Silva (2014)

A festa tradicional atualmente organizada pela Igreja Católica vem atraindo mais cristãos de todo o país todos os anos. Assim, o comércio organiza-se para o abastecimento da cidade. Nesse sentido ainda, entidades públicas e empresas privadas se mobilizam, trabalhando para melhor atender os romeiros em todos os setores, como hospedagem, alimentação, saúde, entretenimento e informações religiosas. Contudo, o romeiro somente desfruta destes serviços depois de cumprir todo o percurso. Em um clima de festa, o grupo foi adentrando na cidade e percebendo o quanto são bem recepcionados. Essa é “uma característica dos santuários brasileiros em dia de festa” (STEIL, 1994 P. 155).

Na festa do Pai Eterno em Trindade, a cidade se prepara para receber os devotos. Não passam carros nas ruas do centro da cidade, pois estão bloqueadas para que os comerciantes

⁴⁶ Foto da última oração em equipe mostra na expressão de cada rosto um sentimento diferente, a tradição mais uma vez foi cumprida e chegou-se ao destino marcado pela fé.

possam ter maior aproximação com os devotos. Os hotéis da cidade ficam todos lotados, alguns romeiros alugam casas e as vezes continuam dormindo em barracas próximas dos acampamentos. É costume também alugar banheiros para tomar banho.



Imagem 17 - Entrada na cidade de Trindade.

Fonte: Alessandra Bezerra da Silva (2014)

3.5 O beijamento da fita

A caminhada prosseguiu até a capela do Divino Pai Eterno, acompanhada dos carros de apoio. Todo o grupo chegou junto: romeiros, cozinheiros, motoristas e enfermeiros. Ao atravessar o córrego do Barro Preto, logo se avista a “Igreja velha”, com sua simplicidade numa praça. Logo, a frente enxerga-se a quilométrica fila de devotos para o *beijamento da fita*.

Essa é uma prática organizada espontaneamente. O acesso ocorre por detrás da Igreja, lugar em que todos esperam na entrada que leva ao trono da Santíssima Trindade. Aguardam para pôr-se diante do trono e dar um beijo na fita ligada à santa Imagem do Pai Eterno. Por que beijar a fita e colocar-se diante dela em agradecimento se há um Novo Santuário Basílica com sua construção grandiosa? Para o romeiro tradicional, não se pode deixar de visitar a imagem e beijar os *pés do Divino Pai Eterno* ali. É um momento importantíssimo na devoção, que sela o cumprimento do voto. Naquele gesto e lugar, a tradição venceu as inovações e tentativas de controle eclesiástico.

Para o grupo, colocar-se diante da imagem é forte. Encontram-se homens, mulheres, adultos, jovens, velhos e crianças que vieram em romaria pacientemente na espera de venerar

e agradecer os benefícios recebidos. Eles se apresentam um a um diante da imagem que “encarna” o Pai Eterno. Não há mais dores espirituais e corporais.

Alguns levam canetas para escreverem seus nomes e dos parentes próximos na fita. Há um sentimento de estar abençoado por tocar nas fitas coloridas que descem do Pai. Quando Maia (1986) registrou a romaria no ano de 1985, com cerca de cem mil pessoas passando pelo beijamento da fita, observou que:

O desfile é respeitoso, silencioso. Muitos rezam: a parada diante da imagem é breve por causa do tamanho da fila: reza-se, suplica-se ou então é o agradecimento pelo já recebido. Quando é possível, alguns sobem a escada que dá acesso a imagem, de joelhos, pagando promessa. O cofre não recebe apenas dinheiro, mas bilhetes escritos também. (MAIA, 1986, p. 74).

O vigário era o controlador dos bilhetes. Eles eram depositados no cofre da Igreja e basicamente eram pedidos de saúde, curas, empregos, de união. A procedência dos devotos nessa época era essencialmente do “povão” simples, pequenos lavradores ou cuidadores de gado, classes pobres que vinham das cidades vizinhas, com pessoas que vinham de regiões distantes também. O depoimento do devoto Vicente Raimundo é interessante:

Subia as escadas, de joelhos, degrau a degrau, um senhor escuro, levando no colo seu filho de três anos, com uma vela acesa na mão, agradecendo o recebido e ditando seus dizeres para que a criança repetisse.
Depois que o agraciado deixou a igreja, já no pátio, foi interrogado. Seu nome é Vicente Raimundo da Silva, 54 anos, morava em Tiradentes, quando em outubro de 1983 perdeu uma filha de seis meses. No ano seguinte, seu filho de três anos, sofreu intoxicação, a qual levou ao estado de coma. Sem quaisquer recursos, apelou o senhor Raimundo para o Pai Eterno, prometendo trazer o filho, se obtida a cura.
Perguntando sobre o significado do seu gesto de beijar a imagem “Santa”, Sr. Raimundo respondeu: “o beijo é em agradecimento. Eu não tenho condições de beijar meu Pai do céu, então beijo essa imagem. Poderia também beijar uma árvore ou uma pedra”. (MAIA, 1986, p. 76).

Percebe-se no depoimento o amor e a devoção pelo Pai Eterno, agradecendo pelo livramento de seu filho pequeno. Há uma mística na Igreja Velha, que os devotos preferem para realizar o ritual de agradecimento. Para Deus (2000, p. 125) “o Santuário carrega uma mística peculiar” onde o lugar possui o máximo da sacralidade. Ou seja, foi ali que Deus escolheu como local predileto para manifestação de seu culto ou para sua morada. Na sacralidade do espaço, os devotos internalizam a espiritualidade, e não permitem que haja mudanças bruscas.

Essa prática ainda perdura nos dias de hoje, pois na romaria que investigamos, a promessa de caminhar os quase trezentos quilômetros de Quirinópolis a Trindade só termina no beijamento da fita. Depois que todos perpassaram pela fita sagrada e agradecem, a vitória se concretiza. Parecem que seus corpos nesse momento, todos exaustos de caminhar por sete dias, se sentem renovados, sem nenhuma sequela da caminhada.

Novamente se emocionam diante da imagem do Divino Pai Eterno, quando alguns romeiros renovam suas promessas, pois tomam gosto e prometem de voltar no ano seguinte. A promessa não é feita na ida até o Novo-Santuário Basílica. Após cumprir suas promessas, os romeiros vão desfrutar das novenas, das missas e pregações da igreja, além, é claro, de usufruir do entretenimento da cidade.



Imagem 18 - Entrada da capela do Divino Pai Eterno.

Fonte: Alessandra Bezerra da Silva (2014)



Imagem 19 - Fita dos pedidos e dos recebimentos de Milagres do Divino Pai Eterno.

Fonte: Alessandra Bezerra da Silva (2014)

Depois desse instante, todos se dirigiram ao lote onde estavam os carros, o caminhão de apoio e preparam o almoço. Nesse dia, ficam todos a vontade para descansar, tomar banhos

e almoçarem quando quiserem, pois, enfim, a romaria está feita. Seus votos foram cumpridos e os romeiros começam a festejar. A alegria está estampada na face de todos, pois estão novamente reunidos com a família e com amigos que vieram celebrar esse momento. Fizeram mais tarde um churrasco para o jantar, patrocinado pelos empresários de Quirinópolis e pelo senhor Gilmar Alves da Silva, prefeito de Quirinópolis, que havia feito a caminhada somente de Goiânia até Trindade.

3.6 Os fins da romaria

A romaria de Trindade além de ser uma manifestação religiosa é também uma manifestação cultural, que revive tradições e memórias sociais. Ela promove sobretudo a união social. Em Trindade, é nítida a presença de grupos familiares de várias regiões, que se congregam a partir de suas tradições. O espaço da romaria e da festa é traçado pela convivência social. Parentes e amigos se encontram, devotos até de outras religiões, vem de encontro ao Pai Eterno e compartilham os momentos de confraternização.

Mesmo havendo a presença de outros grupos de romeiros na cidade de Quirinópolis, o comum é todos realizarem os rituais descritos: a Saída, a caminhada, a chegada e o beijamento da fita, havendo várias semelhanças entre si e algumas adaptações peculiares. As vezes muda-se o dia da saída de Quirinópolis e os lugares de pouso durante o percurso ou a hospedagem em Trindade. Mas há espaço para todos, tanto em Quirinópolis quanto em Trindade.

Dentre as características mais comuns na romaria ao Pai Eterno está o sacrifício do corpo como uma das maneiras de dispor-se para Deus. Conforme Zeny Rosendhal, o mundo tem papel relevante na busca das necessidades básicas como a saúde, o trabalho e o amor. A romaria como rito sacraliza a ação de caminhar do homem lançando suas necessidades na busca de sua identidade com o divino.

A romaria moderna apresenta-se revestida de valores das culturas contemporâneas. “ À sedução do sagrado inclui atualmente motivações individuais e coletivas, as quais possuem significados que transcendem a religião” (2012, p 159). A fé no sagrado serve para a solução dos anseios aqui na terra. O devoto em sua vivencia da fé adquire na *hierópolis* padrões de vivencia do sagrado. Como escreveu Eliade (1992), o poder está no espaço sagrado. O romeiro busca no percurso e na caminhada até Trindade as “revelações” do Divino, Sua manifestação e reconstroem no espaço-tempo do caminhar o encantamento que renova a vida. Uma relação de valores e compromissos é fundada pela reciprocidade e a lealdade dos companheiros e de Deus.

Nas romarias, a sacralização do espaço remete a um espaço virtualizado que atua no espaço físico, no cotidiano conhecido pelos devotos. Neste contexto, percebe-se que o espaço da religiosidade não é só geográfico, mas também pode ser qualquer espaço de interesse do grupo, que faz a transformação de elementos ao incorporar ao sagrado. O espaço sacralizado do Pai Eterno pode ser entendido como um espaço da religiosidade popular, já que não existem atividades ritualísticas institucionais, nem delimitação espacial dada pelo clero, nem caracterização visual para delimitar o lugar onde o sagrado se manifesta.



Imagem 20 - Os romeiros da comitiva do Melado em 2014.

Fonte: Alessandra Bezerra da Silva.

Para a maior parte dos romeiros entrevistados, enquanto andavam pelas estradas, era como se estivessem em outro espaço, não nas estradas de Goiás, mas em um espaço sagrado que tem um valor especial na sua sobrevivência. O estudioso Rubem César Fernandes distingue as romarias como uma dimensão misteriosa, em que a viagem horizontal envolve uma percepção diferente das propriedades espaciais: “o sagrado está ali, material, sensível, visível de ser tocado (...) caminhando pelas estradas os romeiros dramatizam esta percepção fundamental, atualizando uma ideia que para os outros é paradoxal, qual seja, a presença sensível do divino” (FERNANDES, 1994, p.24). Ou, segundo nos diz Dona Divina, esposa do organizador daquele grupo de romeiros:

É muito bom chegar aos pés do Divino Pai Eterno, me entregar a ele, é maravilhoso estar aqui e poder mais uma vez cumprir o desejo do meu esposo fazer a comitiva do Melado (Dona Divina Melado)⁴⁷.

Uma sensação de liberdade, minhas irmãs estavam muito apreensivas com minha vida, fiz quimioterapia três dias antes da viagem, caminhei o primeiro dia e no segundo caminhei pouco mas não aguentei e fui para o carro de apoio. Lá senti a presença de Deus cuidando de mim, ele me levou nos braços e me deu a cura que eu mereci, no ano que vem vou voltar e fazer o trajeto completo (Maria Aparecida)⁴⁸.

A gente sente, não explica, é uma liberdade, uma emoção, uma paz interior uma alegria sem igual, voltarei o ano que vem. Estou feliz (Gleice Dias)⁴⁹.

Com o desenvolvimento desta pesquisa, percebe-se que o romeiro apropria-se pelo caminhar de símbolos sagrados e sentidos que (re)configuram e confirmam a prática religiosa que consideram uma tradição fundamental a ser mantida. A aproximação da casa do Divino Pai Eterno deixa para trás um rastro de poeira na estrada e vivem a presença da força de Deus. “Já que as pernas rezam por nós, *‘sacre facere’ - faz sagradas as coisas e pessoas ao redor*”, ensina reza antropológica de Fernandes (1994, p.25).

⁴⁷ Entrevista dia 13/07/2014 com a mãe do Sr. Melado quando explica a romaria.

⁴⁸ Entrevista dia 20/07/2014 com Maria Aparecida Nogueira que também explica a romaria.

⁴⁹ Entrevista dia 21/07/2014 com a Gleice Dias. Expos a sensação da romaria.

CONCLUSÃO

A Romaria de Quirinópolis a Trindade já é uma tradição do povo quirinópolis, está no cotidiano, tanto nos aspectos sagrados como profanos. Neste sentido, compreender as motivações que levam os devotos a percorrer trezentos quilômetros foram essenciais para o desenvolvimento do trabalho. A romaria é sempre vivida no coletivo, e a união mostra a força de uma família, que ao passar dos anos, traz consigo guardados suas experiências e permanecem com histórias de fé e religiosidade.

Ao compreender os fenômenos culturais, religiosos abordados inicialmente que foram empregados através de conceitos, entendemos a utilidade de se crer no sagrado. Os romeiros mostram suas crenças e registram as suas manifestações culturais nos ritos executados. As romarias são também promessas feitas ao Divino Pai Eterno, e como forma de agradecimento, a caminhada. Além de ser uma doação de si ao Pai Eterno, representa a gratidão de um povo que aderiu ao catolicismo e modificou de acordo com a sociedade moderna. Pode-se afirmar que na romaria a continuidade está assegurada, pois se mantém independente do avanço e modernidade da cidade. E a *plusificação* relewa o mistério de *amar o que se possui*. Portanto, ir em busca do sagrado, transcendem as explicações e as relações de troca.

Ao lidar com exercício da etnografia, em seu espaço histórico que permitiu o estranhamento entre observar uma tradição familiar ao mesmo tempo estranha a seu tempo e espaço. O estudo de campo permitiu conhecer as manifestações no percurso da viagem e decifrar símbolos e expressões corporais? Não foi fácil, montar as narrativas e pensar a viagem como um texto. E a cada fala e oração revelam em pequenas doses e aspectos da cultura e tradições locais. Todavia, estamos diante de uma dificuldade que os historiadores consecutivamente sentem em relação a utilização de fontes capazes de permitir enxergar, visualizar o nosso objeto de estudo com mais precisão. E é claro, analisar o catolicismo praticado pelos sertanejos diante de perigos visíveis é tornar concreto essa história.

A romaria é uma fonte inesgotável de pesquisas, pois na perspectiva de dar voz ao povo goiano e amplitude que as análises acadêmicas exigem, analisar o caminhar da romaria é desafiador. O cotidiano dos devotos do Pai Eterno e as suas relações tornou-se um elemento essencial nessa busca de estudos, assim, clareia o catolicismo popular diante das manifestações mais simples dos romeiros que expressam espontaneamente sua devoção. Mas deixa em aberto, outras análises que podem ser consideradas em futuros trabalhos acadêmicos. A fé é cheia de mistérios.

FONTES ORAIS

ALVES, Aldo Alves. Depoimento. [jun 2014]: Entrevistadora: A. B. Silva. Quirinópolis: 2014. 2:30 minuto.

CRUZ, João da Cruz. Depoimento. [jun 2014] [nov 2014]: Entrevistadora: A. B. Silva. Quirinópolis: 2014. 1:30 minuto.

DIVINA, Maria Divina. Depoimento. [jul 2014]: Entrevistadora: A. B. Silva. Quirinópolis: 2014. :30 minutos.

ELBIO, Fernandes da Silva. Depoimento. [jun 2014]: Entrevistadora: A. B. Silva. Quirinópolis: 2014. 01:30 minutos.

FERREIRA, Gelice Dias. Depoimento. [jul 2014]: Entrevistadora: A. B. Silva. Quirinópolis: 2014. 1:30 minuto.

MARTINS, João Martins. Depoimento. [jun 2014]: Entrevistadora: A. B. Silva. Quirinópolis: 2014. 00:45 minutos.

MEDEIROS, G. A. Gilberto Aparecido Medeiros. Depoimento. [jun 2014] [jul 2014] [nov 2014]: Entrevistadora: A. B. Silva. Quirinópolis: 2014. 4:45 minuto.

NOGUEIRA, Maria Aparecida Nogueira. Depoimento. [jun 2014] [jul 2014]: Entrevistadora: A. B. Silva. Quirinópolis: 2014. 2:45 minuto.

OLIVEIRA, Rose Oliveira. Depoimento. [jun 2014]: Entrevistadora: A. B. Silva. Quirinópolis: 2014. 00:45 minutos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Rubem. *O que é religião*. São Paulo: Ed. Loyola, 1999.

ALBERTI, Verena. *Manual da história oral*. 3. Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

AMANDO, Janaina. Ferreira, Marieta de Moraes. *Usos e abusos da história oral*. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

ANUAS: *Correspondências dos redentoristas: (1904-1920)*. Aparecida do Norte. 1992.

AZEVEDO, Thales de. *O catolicismo no Brasil: um campo para a pesquisa social* Salvador: Edufba, 2002.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. Introdução, organização e seleção de Sergio Miceli. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BRAGA, Antônio Mendes da Costa. *A subida do Horto: Ritual e topografia religiosa nas romarias de Juazeiro do Norte, Ceará, Brasil*. Debates do Ner. Porto Alegre, ano 15. N.25, p. 197-214, jan/jun. 2014.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Os Deuses do povo: um estudo sobre a religião popular*. Uberlândia: Ed. EDUFU, 2007.

_____. *A cultura na rua*. Campinas. SP: Papirus, 1989.

CARVALHO FALEIRO, Márcia Alves. *A Romaria do Divino Pai Eterno em Trindade de Goiás: permanências de tradição na modernidade. 1970-2000*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2007.

CHARTIER, ROGER. *Cultura popular: revisitando um conceito historiográfico*. *Estudos históricos*. Rio de Janeiro. Vol. 8, n.16. 1995, p.179-195.

DAMATTA, Roberto. *O que faz o Brasil, Brasil?* Rd Rocco. Rio de Janeiro. 1986.

DEUS, Maria Socorro de. *Romeiros de Goiás: A romaria de Trindade no século XX*. Goiânia, 2000, 184 páginas. Dissertação de mestrado em História. Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia – Universidade Federal de Goiás.

DURKHEIM, Émile. *Formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. Tradução de Joaquim Pereira Neto. São Paulo: Paulinas, 1989.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o Profano a essência das religiões*. São Paulo, M. Fontes, 2010.

FERNANDES, Rubens César. *Os cavaleiros do Bom Jesus: uma introdução às religiões populares*. Ed. Brasiliense, 1982.

GEERTZ, Clifford. “Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura”. In: *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

GOMES FILHO, Robson Rodrigues. *A manipulação do sagrado em Goiás: Santa Dica e a Ordem Redentorista*. Monografia história (graduação). Universidade Estadual de Goiás. Anápolis-Go, 2009.

GOMES FILHO, Robson Rodrigues. *O movimento messiânico de “Santa Dica” e a ordem redentorista em Goiás (1923-1925)*. Dissertação História (Mestrado): Universidade Federal de Ouro Preto. Mariana – MG, 2012.

HOBBSAWN, Eric J.; RANGER, Terence O. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

JACOB, Amir S. *A Santíssima Trindade de Barro Preto*. Trindade: Redentorista, 2000.

LE GOFF; J SCHIMIDT. *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Santa Catarina. LDUSC, 2002. P. 196 -211.

LEAL, Oscar. *Viagem às terras goianas (Brasil Central)*. Goiânia: UFG, 1980.

MAIA, Pedro A. *Os peregrinos da Santíssima Trindade (1)*. São Paulo: Ed. Loyola, 1986.

MATA, Sergio da. *História & Religião*. Belo Horizonte: Ed. Autentica, 2010. – (História e Reflexões).

MAUSS, M. 1974 [1923-24]. *Ensaio sobre a dádiva. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas*. In: _____. *Sociologia e Antropologia*. V. II São Paulo: Edusp.

MORAES, Maria Augusta de Sant’Anna. *Dos primeiros tempos da saúde pública em Goiás à Faculdade de medicina*. Goiânia. Câne Editorial. 2012.

MORENO, Júlio César. *A ação do Santuário Nacional de Nossa Senhora Aparecida e o fomento do turismo religioso*. Tese apresentada à Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. São Paulo. 2009.

NETO, João Oliveira Ramos, org. *Autoridade e Poder: Ensaio Interdisciplinares de História do Cristianismo*. São Paulo. Ed. Reflexão. 2013.

OLIVEIRA, José Claudio Alves de. O ex-voto na arte e sociedade. In: OLIVEIRA, José Claudio Alves de. Org. *Ex-votos do Brasil: Arte e folkcomunicação*. Ed. Quarteto. Salvador. 2016. pags.187-224.

OLIVEIRA, José Claudio Alves de. Org. *Ex-votos do Brasil: Arte e folkcomunicação*. Ed. Quarteto. Salvador. 2016.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & Historia Cultural*. 3 ed.; 1 reimp. – Belo Horizonte: Autentica Editora, 2014.

PIETAI, Maria Adelia Minghelli; FREITAS, Lia Beatriz de Lucca. *Sobre a Gratidão*. Brasil Arquivos Brasileiros de Psicologia, v. 61, n.1, p. 104. 2009. Universidade Federal do Rio

Grande do Sul (UFRGS), Rio Grande do Sul. Retirado do World Wide Web: <http://www.psicologia.urj.br/abp/> acesso em 03 de abril de 2017.

QUADROS, Eduardo G. *A devoção como núcleo da religião*. In: NETO, João Oliveira Ramos (org.). *Autoridade e Poder: Ensaios Interdisciplinares de História do Cristianismo*. São Paulo. Ed. Reflexão. 2013, p.13-26.

QUADROS, Eduardo Gusmão. *A desordem missionária: conflitos eclesiais durante a construção de uma nova capital*. In: RODRIGUES, Candido & PEIXOTO, Renato Amado. *Olhares sobre os catolicismos no Centro-Oeste, Nordeste e Norte do Brasil*. Ed. Edufmt. Cuiabá. 2016. pags.69-86.

REINATO, Eduardo José. Fênix – *Revista de História e Estudos Culturais* Setembro/ Outubro/ Novembro/ Dezembro de 2010 Vol. 7 Ano VII nº 3 ISSN: 1807-6971 Disponível em: www.revistafenix.pro.br acesso em: 27 de julho de 2017.

RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa*. Vol. 3. São Paulo: Papyrus, 1997.

RODOLPHO, Adriane Luisa. *Rituais, ritos, de passagem e de iniciação*. Estudos Teológicos, v. 44, n.2, p. 138-146, 2004.

RODRIGUES, Candido & PEIXOTO, Renato Amado. *Olhares sobre os catolicismos no Centro-Oeste, Nordeste e Norte do Brasil*. Ed. Edufmt. Cuiabá. 2016.

ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

ROSENDAHL, Zeny. *Primeiro a obrigação depois a devoção: estratégias espaciais da Igreja Católica no Brasil de 1500 a 2005*. Rio de Janeiro: Ed. UERG, 2012.

SAGIM JÚNIOR, ODIR; SAGIM, MIRIAM BOTELHO. *QUIRINÓPOLIS HISTÓRICO*. GOIÂNIA: O POPULAR, 2000.

SANTOS, Miguel A. N. *Trindade de Goiás: uma cidade santuário – conjunturas de um fenômeno religioso no centro-oeste brasileiro*. Tese de Mestrado, UFG, 1976.

SILVA, Eduardo Duarte (Bispo). *Passagens: autobiografia de Dom Eduardo Duarte da Silva – Bispo de Goyaz*, Goiânia: UCG, 2007.

STEIL, Carlos Alberto. *O sertão das romarias: um estudo antropológico sobre o santuário de Bom Jesus da Lapa – Bahia*. Ed. Vozes. Rio de Janeiro. 1996.

TOLOVI, Carlos Alberto. *Padre Cicero, do Juazeiro do Norte: A construção do mito e seu alcance social e religioso*. Tese de doutorado em Ciência da Religião apresentado a PUC-SP. 2015.

TURNER, Victor. *Dramatic ritual/ritual drama: performative and reflexive anthropology*. 1982.

VILAÇA, Helena. *Recomposições dos rituais contemporâneos: a peregrinação*. *Sociologia: revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*. Ed. Universidade do Porto. Faculdade de Letras. Departamento de Sociologia. 2007, pág 55-67.